O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 4$000 reis; SEMESTRE: 2$000; TRIMESTRE 1$000; AVULSO 40 reis. COM ESTAMPILHA: ano 4$500; SEMESTRE 2$250; TRIMESTRE 1$125; AVULSO 45. Para o Brazil pelos paquetes-correio 6$100. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Quarta-feira 22 de fevereiro de 1888

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:669

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:— CONGRESSO AGRICOLA. — COMMISSÃO DISTRICTAL.— CARTA DA FIGUEIRA DA FOZ.—SESSÕES PARLAMENTARES. — NOTICIARIO.— AGRICLTURA E VINICULTURA.—PARTE OFFICIAL.—BIBLIOGRAPHIA—FOLHETIM, CURSO DE PISCICULTURA PRATICA, *por Fernando de Vilhena.*—PAGINA LITTERARIA: A MULHER EM ROMA, *por Marques Gomes*; MONTMORENCY; TORCATO TASSO; ESBOÇO DE UM CARACTER E HOMEM ENERGICO, *por Padre Senna Freitas;* O HOMEM QUE NÃO PCDE MORRER, *por Leopold Kompert;* SEMPRE A TI... *por C.;* O MEZ DE FEVEREIRO.—CORREIO DE LISBOA.—TELEGRAMMAS.

Aveiro

CONGRESSO AGRICOLA

A noticia de que se reunio em Lisboa o congresso agricola, foi para muitos uma surpreza agradavel, que estavam longe de supor possivel n'um paiz como o nosso, onde se põem de parte os assuntos mais importantes para se tratar só de politica, d'essa politica mesquinha e bastarda, que se cifra em rebaixar os homens e os principios que elles representam, unicamente, para nos seus escombros se levantarem novas individualidades.

Um congresso agricola em Lisboa na era do senhor de 1888! que acontecimento extraordinario, devido de certo ao esforço homerico de uma classe, que poser a primeira, se em Portugal house mais amor pelas cousas, e menos pego aos anelorios que brilham á falta de diamantes de boa agua! Mas verificou-se a sessão inaugural e, o que mais é, assistiu a ella quasi todo o governo, isto é, compareceram ali os nobres presidente do conselho e ministro do reino, ministro da fazenda, ministro dos estrangeiros e ministro das obras publicas! Um verdadeiro successo, que nos apressamos a festejar, porque somos um paiz essencialmente agricola, e attender ás necessidades instantes da agricultura é indeclinavel dever dos poderes publicos.

Luzida era a assembleia. Tomaram n'ella parte o principe real e o infante D. Affonso, bem como muitos lavradores do Alemtejo, da Extremadura, da Beira, do Douro e do Minho. Foi um areopago dos homens entendidos no assunto, e é de esperar que o resultado de tantas cooperações dedicadas, seja vantajoso para a lavoura, que em Portugal se acha ha muito relegada aos proprios recursos.

O sr. presidente do conselho Luciano de Castro fallou com a competencia que todos lhe reconhecem, declarando que a sua presença na reunião significava a importancia que o governo ligava ao congresso, e o desejo sincero que tinha de colaborar com elle na obra do renascimento e progresso da agricultura. S. ex.ª concluiu em fraze sempre levantada, que se o congresso tratasse apenas do que devia, se discutisse a questão sem preoccupações de escola, nem exclusivismos de classe, o governo estaria abertamente a seu lado.

Fallou em seguida o sr. Pinto Coelho, que expoz o estado em que se achava a agricultura nacional, fazendo sentir que os lavradores estavam alli para solicitar do governo remedio efficaz para os males que estão soffrendo, concluindo por declarar que confiava muito no governo.

Seguia-se-lhe o sr. ministro das obras publicas, que fazendo sua a fraze do orador precedente, affirmou que a morte da industria agricola seria effectivamente a morte do paiz. E accrescentou:=«A industria agricola é a industria mãe por excellencia, porque a primeira condicção da existencia de um povo é viver e alimentar-se.» Disse mais s. ex.ª:=«A alimentação póde vir de fóra; mas a industria agricola, que prendia o cidadão á terra, era o mais solido fundamento do patriotismo.» O illustre ministro discursou proficientemente sobre o assumpto, dizendo entre outras cousas o seguinte:

«E' forçoso produzir mais e melhor. Não quer isto dizer que se devia deixar a agricultura sem protecção; antes pelo contrario. N'este ponto modificara sensivelmente as suas idéas, no sentido proteccionista, graças ao melhor conhecimento dos factos e aos resultados já apurados no inquerito agricola, que sentio não poder ter sido levado a cabo.»

Muito bem. Foram sempre estas as idéas que temos evangelisado nas columnas d'este jornal. A agricultura não póde viver em Portugal sem a protecção dos governos, e desde que estes a abandonam, ella perecerá á mingua de recursos. Está já de ha muito conhecido, que não podemos bater-nos com a America, com a Africa e com a zona confinante do Danubio em producção cerealifera. Será porque os nossos terrenos estejam cansados, ou porque faltem os adubos por um preço convidativo?

N'esta parte da provincia a propriedade está muito retalhada. O concelho d'Aveiro, que é pequeno em área e em população, contém mais de 6:500 proprietarios. As verbas annulladas na contribuição predial, por as respectivas collectas não atingirem a insignificante quantia de 100 reis, montam quasi 50$000 reis! E' espantoso. Pois aqui é impossivel a introducção das alfaias agricolas, que não tenham por motor a força animal. Pequenas leiras, tractos de terreno acidentado, encostas, ou campos extensos cortados de valas, não permittem a lavra por meio da charrua a vapor. Além d'isto sendo muitos os proprietarios, nenhum d'elles poderia fazer a acquisição de instrumentos agrarios d'um certo preço, e a criação entre elles d'uma associação para taes fins, tambem não é possivel, por a deficiencia de meios de cada um.

Disse muito acertadamente o nobre ministro:—«O que é a maquina agricola? é a sciencia da mecanica aplicada á agricultura. O que é o adubo? é a sciencia da quimica aplicada á agricultura... A rotina é um grande mal. E é preciso que a sciencia se alie á experiencia e a faça frutificar para que a solução dos problemas agricolas seja satisfatoria e duradoura.»

Sobre a importação de cereaes estrangeiros, fez sentir o sr. Emygdio Navarro, que toda a Europa se defende contra ella, mas que em Portugal é mais alta a protecção do que em qualquer outro paiz. «E, accrescentou s. ex.ª, todavia julga-se, *e com bastante razão, que ella é insufficiente.* Pois se nós temos sol como o que alumia os melhores paizes, se temos agua em abundancia, se temos solo magnifico, porque precisamos de protecção maior, que a dos outros paizes? Evidentemente porque não aproveitamos como elles a acção benefica d'esse sol, d'essa agua e d'esse solo. Ou então porque a resolução do problema tem limites, que já não pódem ser excedidos».

Se concordamos nas premissas, discordamos das conclusões. Não é porque falte o amanho aos campos agricultados. Em paiz nenhum o agricultor é mais cuidadoso que o nosso. Os terrenos arados em nenhuma parte do mundo se apresentam mais preparados. Temos, é verdade, muitos tratos de terreno por arrotear. Mas raro é que uma ou outra nesga de pousio, seja propriedade particular. Ou pertencem ainda ás corporações de mão morta, ou se reservam para mato, que depois de curtido é um excellente adubo.

O principal motivo da carestia dos cereaes, e por tanto da necessidade de recorrer á importação, provém da grande divisão da propriedade territorial e da falta de adubos em condições favoraveis para a agricultura. Os que geralmente se empregam são caros. O milho e o trigo não chegam a compensar os sacrificios que faz o agricultor, e muito principalmente se tiver de ter criados que lhe tratem da lavoura.

O solo não está esgotado, mas o tratamento não é ainda o que devia ser. E porque? Pela razão exposta. O adubo agricola é caro e o lavrador não póde tornar bem ferteis com elle os seus terrenos. Tambem não póde comprar alfaias novas, uzando as que possue, e para cuja acquisição já fez sacrificio. Não basta só a qualidade do sólo, o sol benefico, a agua correndo a jorros. Tudo isto é bello, tudo isto torna uberrima a terra agricultada. Mas não basta isso, repetimos. E' preciso mais alguma cousa. O braço do homem transforma a ourela arada, mas a producção não póde ser grande n'uma pequena facha de terreno. Eis aqui a origem das difficuldades com que lucta a nossa lavoura.

O nobre ministro da fazenda expoz tambem as suas opiniões sobre o assumpto, referindo-se aos defeitos da nossa organisação tributaria. Disse, que querendo proteger a propriedade lhe tiraram o credito, indicando o modo de tornar efficaz a organisação do nosso credito agricola, e declarando que punha á disposição dos congressistas todos os livros *que tem, e que são optimo subsidio para* esclarecer a questão, sem duvida a mais momentosa da actualidade.

Todos os ministros que tomaram parte na discussão foram calorosamente applaudidos pela assembleia. Fallaram elles com reconhecida competencia, parecendo compenetrados da gravidade da questão, o que é importante e muito promettedor para a nossa agricultura.

O congresso veio pois abrir uma era auspiciosa na historia agricola do paiz. Oxalá que o seu esforço não esmoreça, e que, devido ao seu impulso, melhorem consideravelmente as condições da agricultura nacional.

COMMISSÃO DISTRITAL

SESSÃO DE 15 DE FEVEREIRO DE 1888

Presidente, o ex.mo sr. Visconde de Valdemouro; estando presentes o vogal substituto, o ex.mo sr. José Pereira Junior; e secretario, o ex.mo Manuel Pereira da Cruz.

Aberta a sessão pelas 10 horas da manhã, foram resolvidos os seguintes negocios:

Foi presente o balanço do movimento do cofre da Junta Geral durante a semana finda em 12 do corrente mez, sendo a receita 8:439$729 reis, não se effectuando despeza alguma; passando por isso o mesmo saldo para a seguinte semana, sendo 649$950 reis representados por papeis de credito e o resto em metal, existindo mais 373 obrigações da Companhia Geral do Credito Predial Portuguez de 30$000 reis nominaes cada uma, résto do emprestimo contrahido com a mesma Companhia.

Foram presentes as contas da commissão administrativa do corpo de policia civil, relativas ao mez de janeiro, passando um saldo de 2$429 reis para o mez seguinte.

Deliberou mandar passar ordem de pagamento da quantia de 630$000 reis a favor da commissão administrativa do corpo de policia civil d'este districto, para pagamento das despezas com a referida policia, por conta da sua dotação votada no orçamento districtal para o corrente anno.

Foi presente o officio do commissario de policia d'este districto de 3 do corrente mez, participando que n'essa data se apresentou ao serviço o amanuense do commissariado, Bernardo de Souza Lopes, que se achava em gozo de licença. A Commissão ficou inteirada.

Deliberou remetter ao agente do Ministerio Publico, junto ao Tribunal Administrativo, para os devidos effeitos, os orçamentos ordinarios das camaras municipaes de Paiva e Sever para o corrente anno civil.

Deliberou devolver á camara municipal de Ilhavo as copias das actas das suas sessões de 14 de dezembro e 30 de janeiro ultimos, a fim de seguirem os tramites legaes designados no artigo 105 e seus §§ do Cod. Adm.

Deferiu o requerimento de José Maria dos Santos Freire Junior, d'esta cidade, mandando-lhe entregar a exposta Augusta em poder da ama Joanna Quinteira, da freguezia de Segadães, concelho de Agueda, visto ter o requerente apresentado escriptura de perfilhação da referida exposta.

Deliberou, em vista da informação da direcção das obras publicas d'este districto, mandar pagar a Manuel Coelho de Almeida, Bernardo Dias da Costa e Manuel Alves Fructuoso, todos do logar do Rio, freguezia de Cortegaça, concelho de Ovar, ao 1.º a quantia de 16$000 reis; ao 2.º a de 18$000 reis e ao 3.º a de 80$000 reis, importancia das indemnisações a que teem direito, em virtude das expropriações para a construcção da estrada districtal n.º 27-B de Ovar á Bandeira.

Egualmente delibereu, em vista da informação da mesma direcção das obras publicas, mandar pagar a José Rodrigues de Sá Ignacio, Manuel Pereira de Rezende e José Rodrigues de Sá Mouro, todos do logar da Carvalheira, freguezia de Maceda, concelho de Ovar, ao 1.º a quantia de 28$000 reis; ao 2.º a de 30$000 reis e ao 3.º a de 20$000 reis, importancia das indemnisações a que teem direito, em virtude das expropriações para a construcção da estrada districtal n.º 27-B de Ovar á Bandeira.

Deliberou allegar no processo de reclamação interposto por Augusto Ferreira Coelho e outros, de Guizande, concelho da Feira, acerca da adjudicação e sorteio do baldio de Cazal d'Aça, que, por diversas razões, carece de fundamento esse recurso, quando mesmo por ventura se possam considerar os reclamantes como pessoas legitimas para interpor a mesma reclamação, o que se contesta, em vista do artigo 57 do Cod. Adm. de 1878 então em vigor, e do seu correspondente no Cod. Adm. actual.

Deliberou responder contradictoriamente no processo de reclamação interposto por Francisco Eduardo Peixoto contra a camara municipal de Oliveira d'Azemeis, que o demittiu de medico do partido, e contra o accordão d'esta Commissão por não suspender a respectiva deliberação, que carece de fundamento legal essa reclamação, por serem mais que sufficientes os motivos que deram logar a essa demissão e não ter havido infracção de lei no processo em que seria licito suspender a deliberação reclamada.

Foram presentes os resumos das deliberações das seguintes camaras municipaes:

Agueda, de 10 de janeiro ultimo;

Estarreja, da semana finda em 29 do mesmo mez.

CARTA DA FIGUEIRA DA FOZ

Chamamos mais uma vez a attenção do digno ministro da fazenda para a carta que abaixo publicamos:

Meu presado amigo.—Parece que a minha carta publicada no seu apreciavel jornal de 8 do corrente, começa a produzir algum effeito, porque me consta que o escrivão de fazenda d'este concelho recebeu ordem superior para responder ás accusações que na mesma carta lhe fiz.

Vou porém anticipar-me a declarar que a resposta d'este funccionario ha-de por todos os modos ser illusoria, para se defender da responsabilidade que lhe cabe pelas injustiças e arbitrariedades praticadas no lançamento das contribuições industrial e de renda de casas e sumptuaria do corrente anno.

Mas, se a sua informação se affastar da verdade, e d'isso tiver conhecimento, hei-de provar com documentos authenticos que os factos a que me referi na minha carta, são verdadeiros, e então accrescentarei mais alguma coisa. O escrivão de fazenda d'este concelho não se serviu dos elementos que a lei determina, para a formação das referidas matrizes; fez um serviço verdadeiramente arbitrario, e é por isso que se tem levantado contra elle um clamor geral.

Desejaria saber como este funccionario justifica o caso de apparecer collectado como official de pedreiro, um individuo *fallecido ha 6 annos*, outros que estão auzentes d'este concelho ha mais de 2 annos, e outros que ha muito não exercem industria ou profissão alguma. Foram estes individuos dados nas relações dos respectivos regedores?

Para este serviço foram chamados os informadores louvados, e foram elles que indicaram a inclusão na matriz, de taes individuos?

Nem um nem outro caso se deu, o que posso affirmar. O que sei é que foi chamado apenas o regedor d'esta cidade, para informar a respeito de algum individuo ommisso na matriz, e que por essa occasião apontou ao escrivão de fazenda alguns que n'ella estavam indevidamente inscriptos, ao que elle respondeu: —deixal-os ficar; elles que reclamem!

E depois de assim proceder, dizia aos contribuintes—que o culpado d'elles terem sido collectados, era o regedor!

Todas estas irregularidades tem um fim bem conhecido:—é, dar á repartição superior um mappa estatistico, pomposo, cujos resultados são verdadeiramente ficticios, porque uma grande parte das collectas tem de ser julgadas de falhas.

O peor é, os vexames e prejuizos que os contribuintes soffrem, por não se cumprir o que a lei expressamente determina. Isto não póde ser, e torna-se de absoluta necessidade conhecer o estado dos serviços da repartição de fazenda d'este concelho, para se avaliar a legalidade com que são feitos, e a competencia do funccionario que dirige a mesma repartição.

Pela minha parte está elle classificado como merece; e os factos provarão se sou injusto na apreciação que faço a respeito das suas habilitações no desempenho do logar que occupa.

Creia-me

De v. etc.
M.

Exactamente na Figueira como aqui. Parecem irmãos gemeos os taes escrivães de fazenda! O que lá fez um fez aqui o outro. E' que se entendem nas disposições e nos fins tambem.

A opposição tem n'estes funccionarios dois famosos agentes. São estes *improvisados catões* os mais apurados factores da indisposição contra os governos.

Conservem-os nas localidades, e verão o resultado que colhem.

Sessões Parlamentares

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 18 de fevereiro

Presidencia do sr. João Chrisostomo de Abreu e Sousa, secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Presentes 20 dignos pares.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. Sousa Pinto Basto enviou para a meza um projecto de lei isentando de pagamento de porte do correio os documentos expedidos pela Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha.

O sr. Hintze Ribeiro propoz que visto não se encontrar na sala nenhum sr. ministro, fosse suspensa a sessão, até á sua chegada.

A camara regeitou, passando por isso á

ORDEM DO DIA

Continuação da discussão da mensagem real de abertura das côrtes

Continuou no uso da palavra o sr. Costa Lobo, que fez largas considerações, refutando os argumentos apresentados pelo sr. Thomaz Ribeiro. Ao terminar, declarou que regeitava a moção apresentada por aquelle digno par.

Usou depois da palavra o sr. Vaz Preto, sustentando que o ministerio não podia nem devia continuar á frente dos negocios publicos, pois não tinha força nem prestigio para isso.

Fez varias considerações para comprovar aquelle argumento, e, como désse a hora, pediu para ficar com a palavra reservada para a primeira sessão.

Em seguida o sr. presidente encerrou a sessão.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 18 de fevereiro

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Alpoim Borges Cabral e Francisco Medeiros.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde, estando presentes 70 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. Francisco Coelho de Campos enviou para a meza uma representação dos empregados dos correios e telegraphos, que serviram no exercito, pedindo a lei das aposentações.

O sr. Francisco José Machado apresentou um requerimento dos sargentos do regimento de infanteria 9, reclamando para que o posto de brigada possa a ser conferido por antiguidade no serviço.

O sr. Frederico Arouca pediu varios esclarecimentos ao governo, ácerca do estado perigoso em que se encontram os paioes da nossa praça de Elvas.

O sr. ministro da justiça deu os esclarecimentos pedidos por aquelle sr. deputado.

O sr. João Arroio disse que o processo Hersent estava sendo instaurado com uma morosidade condemnavel, e pediu ao governo que providenciasse.

O sr. ministro da justiça disse que o processo seguia os tramites legaes, e que elle continuaria, como até aqui, a fazer cumprir a lei.

O sr. João Arroio, usando novamente da palavra, referiu-se ao facto de ter sido expedida uma rogatoria para Paris, qualificando esse facto de dilatorio.

ORDEM DO DIA

Discussão do projecto de lei sobre o Codigo Commercial

O sr. Julio Marques de Vilhena usou largamente da palavra combatendo algumas das principaes disposições do projecto.

Seguiram-se-lhe no uso da palavra os srs. Alves da Fonseca, Vicente Monteiro e Joaquim Antonio da Silva Cordeiro, os quaes fizeram varias considerações reforçando os argumentos já apresentado pró e contra o projecto.

Foram approvados alguns artigos do projecto.

Noticiario

Apontamentos de carteira.—Regressou á sua casa de Soutello, em Sever do Vouga, o nosso muito presado e considerado amigo o sr. conde de Beirós.

— Partiu no comboio da noite de domingo para a capital o nosso dilecto collega e amigo, dr. Barbosa de Magalhães, a fim de tomar parte nos trabalhos do congresso agricola, como delegado da junta geral d'este districto, e exercer as funcções como solicito deputado por Ovar, sendo acompanhado á *gare* por muitos dos seus amigos particulares.

— Partiu no domingo para Lisboa, o nosso amigo, o sr. dr. Manuel Baptista da Cunha, vigario geral do Patriarchado.

— Chegaram ha dias á sua casa da Borralha, em Agueda, acompanhados de sua ex.ma familia, os srs. condes da Borralha.

— Acha-se ha dias de cama a esposa do nosso amigo, sr. dr. Regalla, a ex.ma sr.ª D. Maria dos Prazeres Regalla. Não sendo grave, felizmente, o incommodo de s. ex.ª, fazemos, no entanto, votos pelo seu completo restabelecimento.

— Faz hoje annos a filhinha mais nova do nosso collega do *Parlamento*, sr. Fernando de Vilhena. Parabens.

— Fez annos na passada sexta-feira a ex.ma sr.ª D. Hedwiges de Moraes e Costa, dilecta sobrinha do nosso bom amigo sr. José Ferreira Lucena, a quem damos os parabens. Esta senhora, modelo de virtudes, tem passado bastante incommodada n'estes ultimos dias, o que devéras sentimos, fazendo os mais ardentes votos pelo seu prompto restabelecimento.

— Já está completamente restabelecido, com o que muito folgamos, o filhinho, de nome Agnello, do nosso prestavel amigo e digno medico da casa real, sr. dr. Luiz Regalla.

— Tem passado incommodado de saude, o que deveras sentimos, a esposa do sr. commendador Chamadouro Domingues, nosso presado amigo d'Almada.

Muitos votos fazemos pelas promptas melhoras de s. ex.ª

— Chegou da capital a esposa e filhinha do nosso amigo e digno inspector das matrizes d'este districto, sr. Barros Lima.

— Regressou á sua freguezia o digno parocho de Salreu o muito reverendo sr. Antonio Baeta da Costa.

O illustre parocho vem muito melhor dos seus padecimentos e isso é motivo de prazer para todos os seus freguezes e para o grande numero de amigos que conta.

— Continua doente o sr. Francisco Ferreira, digno empregado do governo civil do districto.

— Está em Lisboa o nosso collega da *Actualidade*, sr. Anselmo de Moraes.

Condecoração.—Acaba de ser agraciado com a commenda de Christo o sr. Manuel da Silva Mello, rico proprietario e capitalista da freguezia d'Alquerubim, concelho d'Albergaria, a quem damos os parabens.

Amabilidade.—Agradecemos ao nosso illustrado collega do *Economista* o seu galante parabem pelo nosso 36.º anniversario.

Despachos.—Foi nomeado administrador effectivo da Mealhada o sr. José Augusto da Costa Salles, e substituto d'Anadia, o sr. Justino de Sampaio Alegre.

São escolhas dignissimas.

Provimento.—A camara municipal da Feira proveu na sua sessão de 8 do corrente, no logar de conductor d'obras e fiscal d'estradas municipaes do concelho, o sr. Alfredo Loureiro Dias. A escolha foi tão acertada como dignos são todos os actos que tão illustrada e patriotica corporação pratica.

Estrada municipal.—Já deu entrada na secretaria da camara o projecto do lanço d'estrada municipal de Nariz ao Roque, n'este concelho, importante melhoramento que a actual vereação vae emprehender a bem dos povos da freguezia de Nariz, que se achava entregue ha muito a um reprehensivel abandono. O trabalho foi feito pelo sr. Antonio A. Severo de Oliveira, habil conductor d'obras publicas n'este districto.

A camara prova assim, que não esquece as necessidades publicas, antes procura attendel-as conforme os seus recursos.

Procissão dos Passos.—Em consequencia da absoluta falta de pregador, a mesa da Irmandade do Senhor dos Passos d'esta cidade resolveu mudar a procissão, que devia sahir no proximo domingo, para o 4.º domingo da quaresma, que é em 11 de março. Encarregou-se de prégar o reputado orador sagrado e nosso amigo, o revd.º sr. Francisco Patricio, do Porto.

As andorinhas.—Com os primeiros sorrisos d'uma consoladora alvorada, a de terça-feira ultima, vieram as primeiras andorinhas despertar-nos, pousando e palestrando sobre o beiral do nosso telhado, n'uma doce e divinisadora harmonia de queixumes.

Previramos *le retour rapide ou nid abandoné*, ha pouco, quando n'aquelles admiraveis dias d'um sol explendido, as borboletas brancas tocavam as rosas-chá ou formavam dulcissimos conubios na corola esmaecida da verbena rocha.

Peregrinação a Roma.—De Ilhavo vão alguns ecclesiasticos na proxima peregrinação a Roma.

Quadros humoristicos.—Com esta epigraphe publicaram os editores Tavares Cardoso & Irmão, de Lisboa, um volumesinho de versos, do sr. Eça Leal, prefaciado pelo sr. Ramalho Ortigão. Para os que não conhecem o poeta exhibiremos aqui a opinião do prefacista, na parte em que elle allude á apresentação e ao merecimento da obra. Falla o stilista das *Farpas*:

«...O seu livro é todo feito de versos diafanos com idéas simples e palavras faceis—*parole oneste, alto umile e piano*, como dizia o seu fallecido collega Petrarcha. Não tem pretenções a effeitos excessivos nem pela extravagancia dos principios, nem pela desarticulação do estylo, nem pelo fenomenismo das rimas. Não aspira a hipnotisar o leitor para lhe sugerir pensamentos de uma idealidade sobrenatural e paradisiaca ou de uma nova amargura exotica, subtil e macabrica. Os seus versos são simples trovas de boa companhia, singelas e translucidas, tocadas de uma ponta de ironia amavel como no ciclo da alegre sciencia ou das côrtes d'amor; na convivencia jovial de Médicis, sob o dominio galante e optimistico de Henrique IV e da *charmante Gabrielle*, ou entre os collaboradores palacianos do cancioneiro castilhano de D. João II.»

Este é o parecer do critico. O poemeto divide-se em onze cantos, com dedicatorias a prosadores e versejadores notaveis e muito conhecidos na republica das letras, a saber, Ramalho Ortigão, Fernando Caldeira, Gervasio Lobato, Eça de Queiroz, João Costa, Batalha Reis, Francisco Palha, Moura Cabral e Alberto Braga, o festejado contista das *Novidades*.

A' nitidez da impressão corresponde o sainete dos epigramas, destacando-se entre as muitas filigranas, bordadas a capricho, o seguinte trecho, que apresentamos como specimen de valor:

«Entrou na catedral a mistica donzella;
«mesmo atravez do veo notava-se, era bella.
«Na pia d'agua benta os dedos delicados
«molhou devotamente. Os ecos despertados
«n'abobada sonora, immensa, de granito,
«pelo ranger da porta, esse plangente grito,
«as aves assustou, as castas andorinhas,
«que na nave central, lá em cima, as pobresinhas,
«teciam o seu ninho. Então encaminhou-se
«para a capella-mór; depois ajoelhou-se
«nos humidos degraus, bem perto do altar,
«ergueu o veo, benzeu-se e começou a orar.

Bellissimo esboceto, cujas côres vão tomando maior tom, e esmaltam o fundo do quadro, que sentimos não poder reproduzir até final, por nos faltar o espaço. Mas pela amostra pódem concluir os leitores o valor litterario dos *Quadros humoristicos*, do sr. Eça Leal.

Fabrica de vidros.—Consta-nos que vae constituir-se n'esta cidade uma sociedade commercial, composta dos srs. Manuel da Rocha, Egberto de Magalhães Mesquita, Fernando Eduardo Pereira, e um francez, com o fim de estabelecer aqui uma fabrica de vidros. Não podemos deixar de louvar a ideia, que vem dar mais movimento ao commercio d'esta terra, que bem precisa da concorrencia dos capitaes particulares para se desenvolver progressivamente.

Mais outra.—Tambem nos dizem que se pensa em montar na freguezia de Arada uma fabrica de moagem a vapor de farinha de trigo.

Linha telegraphica.—Começou já a funccionar a nova linha telegraphica directa entre a Mealhada e Luso.

Feira da Oliveirinha.—Effectuou-se hontem este importante mercado mensal, sendo bastante concorrido.

O tempo.—Melhorou depois d'alguns dias de chuva e d'um vento frigidissimo, que nos açoutava despiedadamente.

Neve.—Era formoso o panorama que hontem se avistava ao nascente d'esta cidade, vendo alvejar ao longe o vasto lençol de neve que cobria litteralmente os cumes dos elevados montes de Cambra, do Arestal, Talhadas e outros mais para o sul.

Mercado de pesca salgada.—Continua abundante o mercado de pesca salgada. De Cezimbra continuam as remessas, e como é mais frescal, preferem-a á que existia pescada no nosso littoral. O preço d'aquella é de 1:200 reis o milheiro.

Mercado de sal.—E' ainda de réis 20:000 o preço dos 15:000 litros ou antigo barco, mas tende para subir e sobe de certo porque a quantidade existente na ria e nos armazens é já pequena.

Aos industriaes.—Acabamos de receber o seguinte:

AVISO

O Recebedor da Comarca previne os individuos que pagaram por inteiro as suas collectas industriaes, que serão restituidos 2 por cento áquelles que quizerem aproveitar este beneficio da lei, podendo para esse fim apresentar-se na Recebedoria munidos com o conhecimento da respectiva contribuição, conforme o mappa de 1887.

Aveiro, 15 de fevereiro de 1888.

Em Agueda.—Dois *compra-chicos* infames, dois vadios e dois malandros, estranhos a este concelho, quizeram ha dias fazer uma torpissima vendaga. Passaram na povoação da Sobreira, freguezia de Agadão, e tendo sabido que ali vivia em companhia d'um filho uma pobre mulher cega, propozeram a compra da infeliz, que lhes ia servir para andarem por essas terras fóra a pedir esmola. O negocio tratou-se entre os dois homens e o filho da cega. Chegou-se a accordo. O filho recebia duas libras e deixava partir a sua pobre mãe em ignobil peregrinação. Os dois malandros achavam ali uma abundante fonte de receita. Arrastavam a desgraçada por esses caminhos fóra e recebiam farta pitança á sombra da cegueira, que elles iriam encarecendo em palavras magoadas e afflictas. Mas, não sabemos o que aconteceu depois. O que é certo é que os tres homens desavieram-se e o contracto não chegou a executar-se. Seria o filho que se arrependeu a tempo da feia acção que praticára? Seria a mãe, que se recusava a acompanhar os dois patifes que a compravam?

Um industrioso.—Informa o nosso collega do *Jornal da Bairrada*, que no sabbado, no comboio que chega do Porto ás 11 horas da noite, saltou um passageiro, elegantemente vestido que se foi hospedar na unica hospedaria que alli ha, onde pediu de ceiar, e travou conhecimento com alguns individuos que alli se encontravam. A conversa foi-se generalisando e afinal tendo ficado só com um homem de Cantanhede, disse-lhe que negociava em ouro e que vendia muito barato porque comprava os objectos do seu commercio nas casas de penhores e tambem vendia por commissão d'estas. Comsigo apenas trazia uma corrente de ouro, que mostrou, desembrulhando-a d'um papel, observando ter a outra fazenda na estação do caminho de ferro.

O homem de Cantanhede indagou muito naturalmente do preço da corrente, uma magnifica corrente de barbela, que devia pesar bem as suas 6 libras.

— Duas libras apenas, respondeu o negociante.

A transacção fechou-se logo alli; mas o melhor do caso é que ao outro dia, o comprador reconheceu ter em seu poder uma corrente de latão, que só servia para o pé d'algum papagaio e que o vendedor se tinha retirado no comboio da madrugada.

Incendio.—Manifestou-se incendio n'uma casa da freguezia de Pampilhosa, destruindo um curral, onde estava armazenada grande quantidade de palha. Uma junta de bois, que ficava n'um curral proximo, foi salva com algum custo.

Justiça á antiga.—No concelho de Cambra foi assassinado um individuo, que mantinha relações illicitas com uma mulher casada. O assassino é o proprio marido da adultera.

Obito.—Falleceu no Porto o sr. conselheiro José Borges Pacheco Pereira, que foi aqui governador civil.

O dr. Albino Geraldes.—Falleceu em Coimbra este eminente professor da Universidade.

O dr. Albino Geraldes era lente de vespera da faculdade de philosophia. Regia ultimamente a cadeira de zoologia.

Era um homem de sciencia e era tambem um humanista distincto.

O dr. Albino Geraldes, além de doutor de capello em philosophia, era tambem bacharel em medicina, foi em algumas sessões deputado pelo circulo da Figueira da Foz, e ainda, havia pouco, fora agraciado com a commenda da Conceição a que tinha direito como lente da faculdade de philosophia, segundo a legislação universitaria.

Aggressão covarde. — Deu-se ha dias em Abravezes, suburbios de Vizeu, um acontecimento que produziu n'aquella localidade viva impressão.

Tinha ido ali divertir-s- com pessoas de suas relações um soldado do 14. Esteve n'um serão cantando ao desafio, alegre e satisfeito, acompanhando na viola as suas satyras em verso improvisado.

Provocava as gargalhadas francas dos circumstantes e n'aquelle entretenimento deixou-se ficar quasi até ao toque de recolher. Quando vinha para a cidade, muito socegado da sua vida, saiu-lhe ao encontro e de repente um vulto que não conheceu, descarregando-lhe uma terrivel pancada com um martello de pedreiro.

O soldado caiu redondo e foi necessario vir n'uma maca para o hospital das Chagas, onde se encontra em perigo de vida. Está preso um homem contra quem recaem suspeitas de ter sido o covarde e infame auctor do crime,

Um phaeton a vapor.—Tem estado exposto na grande avenida do Palacio de Crystal do Porto um *phaeton* a vapor, construido pelos srs. Bonton e Trepardaux e destinado a effectuar viagens por estradas.

Além do seu uso de luxo, este vehiculo póde ter numerosas applicações praticas. A sua velocidade é de 30 kilometros por hora; póde subir rampas com uma velocidade de 8 kilometros por hora.

A provisão de agua basta para um trajecto de 60 kilometros e a de carvão para 100 kilometros.

O *phaeton* tem logar para cinco pessoas, comprehendendo o machinista.

Mercês honorificas.—Fizeram-se as seguintes:

Commendadores da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo.—Manuel da Silva Mello, proprietario em Agueda.

D. Véréniki, secretario do ministerio dos negocios estrangeiros de Athenas.

Commendador da ordem militar de Nossa Senhora Conceição de Villa Viçosa.—Marquez de Guell y Bourbon, subdito de sua magestade catholica, encarregado interinamente de negocios nas côrtes da Suecia e Dinamarca.

Cavalleiro da ordem de S. Thiago.—Louis Delaunay Belleville, cidadão francez, engenheiro constructor.

Cavalleiros da ordem militar de S. Bento de Aviz.—Miguel Augusto Garcia Gomes, capitão do estado maior de infanteria.

Antonio Julio da Fontoura Madureira Guedes, capitão do corpo da guarda fiscal.

A operação do principe imperial da Allemanha.—Uma folha estrangeira dá os seguintes promenores ácerca da operação a que o principe imperial foi submettido:

«O dr. Mackenzie tinha já declarado ha muitos dias que a doença do kronprinz era uma perichondrite. Segundo o seu parecer, a operação da tracheotomia não devia tardar a tornar-se necessaria, porque a perichondrite é geralmente acompanhada de uma inflammação das cartilagens; a inflammação traz comsigo a necrose e as partes mortas desprendem-se podendo determinar a suffocação. Ao passo que o cancro é considerado incuravel, a perichondrite póde ser curada. N'este caso a operação da tracheotomia não deve ser considerada como uma tentativa desesperada.

Havia dois ou tres dias que os medicos que tratam do principe manifestavam serias inquietações. As cartilagens atacadas pela necrose tinham-se desprendido, mandando-se de novo uma parcella ao dr. Virchow. Um novo tumor que partia da corda vocal direita attingia toda a laryngе e tornava a respiração difficil. No dia 9 de manhã a voz do principe mal se percebia e o ar passando o custo, produzia uma especie de silvo. O principe mostrava-se muito impaciente e instava com os medicos para tomarem uma decisão a tal respeito.

Desde as primeiras horas do dia notava-se uma animação extraordinaria na residencia de Zirio; era um continuo vaivem entre o quarto do doente e os aposentos dos medicos; os transeuntes haviam já notado este movimento desusado e formavam-se alguns grupos anciosos, sabendo que o principe peiorára. Viu-se um criado trazer do Hotel do Mediterraneo, onde o dr. Bramann está hospedado, uma caixa com os instrumentos cirurgicos. Eram cerca das 2 horas da tarde. Os drs. Mackenzie, Krause, Howell, Schroedel e Bramann celebravam uma consulta no quarto do principe, emquanto a princeza esperava anciosamente em uma aala o resultado das suas deliberações.

Os cinco medicos reconheceram de commum accordo e sem hesitação que a operação da tracheotomia não podia ser retardada até é chegada do dr. Bergmann e deu-se immediatamente parte ao principe da decisão que acabava de ser tomada. Este poz-se logo, e sem proferir uma palavra, á disposição do dr. Braman dando a entender que não era de modo algum necessario adormecel-o.

Os medicos assignáram préviamente um protocolo, sendo enviados telegrammas em todos os sentidos; os criados corriam da residencia para o telegrapho e os agentes de policia dispersavam os grupos de curiosos que se tinham reunido.

A operação começou ás 3 horas e 40 minutos. O drincipe estava estendido em um canapé, no grande salão, defronte de largas janellas envidraçadas, por onde entrava uma intensa claridade. Todos os medicos se achavam presentes. O dr. Bramann, com mão firme e sem um minuto de hesitação, praticou uma incisão vertical de dois ou tres centimetros de cumprimento, muito abaixo da garganta, para que a canula de prata, introduzida na chaga, não alcançasse os tecido inflammados da laryngе. Foi o que se chama a tracheotomia profunda. Esta operação não deixa de offerecer perigo; é de receiar que as arterias cortadas fiquem abertas e que o ar penetre no coração, o que determinaria uma paralysia d'este orgão e traria a morte instantanea.

A operação teve o exito mais feliz, perdendo o principe muito pouco sangue. O dr. Mackenzie e outros medicos felicitaram calorosamente o dr. Bramann pela prudencia e pela rapidez com que havia praticado esta difficil operação. O principe immediatamente alliviado, estreitou as mãos do facultativo, agradecendo-lhe com um olhar profundamente reconhecido; não podia pronunciar uma unica palavra sendo-lhe tambem prohibido fazer uso da voz. A operação durou ao todo cerca de 40 minutos, com todos os preparativos, mas o trabalho do dr. Bramann, a incisão, a separação das arterias e a introducção da canula não levou mais de 10 minutos.

A's 4 horas e meia viu-se apparecer primeiro o principe de Hesse, trazendo telegrammas na mão. O principe Henrique e as princezas Irene e Carlota vieram depois, ao mesmo tempo que o dr. Mackenzie sahia, dando signaes evidentes de satisfação. O estado do enfermo era tão tranquillisador quanto se podia desejar. «Não ha perigo;—dizia continuamente o medico inglez—não temos por agora nenhuma apprehensão. A operação deu bom resultado e o principe terá sómente de conservar-se de cama bastantes dias.»

A tracheotomia não influirá em nada na marcha da doença. A perinchondrite continuará o seu caminho e o tratamento da enfermidade não será modificado. E' possivel que a canula possa ser extrahida em um praso mais ou menos longo. Todos os cuidados dos medicos por agora applicar-se-hão a evitar uma tysica da laringe e a obstar a uma decadencia geral das forças do enfermo, o que succede muitas vezes em similhantes casos. De qualquer modo, decorrerão ainda muitos annos antes da saude do principe poder ser declarada completamente restabelecida.»

Um telegramma de Berlim, de 16 do corrente, diz que o correspondente especial do «Tageblatt», em S. Remo, telegraphou que o principe passára muito mal a noute anterior. Mal pode dormir e teve expectorações sanguineas frequentes.

Outras noticias recebidas em Berlim confirmam que o principe teve uma certa recahida.

Officialmente diz-se que a situação do enfermo não mudou.

Relativamente á incerteza que ha sobre a molestia do principe, o relatorio de sir Morell Mackenzie, publicado por authorisação do kronprinz, diz, entre outras cousas, o seguinte:

«Deu-se com frequencia um sentido falso ás minhas palavras, pretendendo-se ter dito que não é cancro a molestia de que padece o kronprink.

A minha opinião, exprimida constantemente, é que não existe prova alguma de que o mal seja carcinomatoso,

Quando estive em Berlim no mez de maio ultimo, declarei sómente que os symptomas exteriores eram todos de caracter negativo, e que, portanto, a natureza da molestia tanto podia ser relativamente benigna ou maligna.

Esperei pelo exame microscopico praticado pelo professor Virchow, e este não encontrou nada de maligno nas particulas extrahidas. Em outubro e novembro appareceram symptomas que pareciam evidenciar que a molestia tinha caracter carcinomatoso. Mas então tambem declarei em um protocolo que a existencia do cancro não estava ainda provada.

Quando no mez de janeiro ultimo, o principe espectorou um pedaço de carnosidade, esta foi tambem examinada ao microscopio pelo professor Virchow que não encontrou n'ella nada de carcinomatoso.

A maior parte das molestias da laryngе teem caracteres faceis de reconhecer, mas infelizmente o mal de que padece o kronprinz pertence a esses casos raros em que não é possivel o diagnostico senão á medida que se vae desenvolvendo a doença».

O processo Wilson.—Relativamente ao julgamento de Wilson, implicado no processo do trafico de condecorações, participam de Pariz o seguinte:

No tribunal

Paris, 16.—Apesar da audiencia sobre o processo Wilson ter de principiar só ao meio dia, a sala do tribunal foi desde as 10 horas da manhã theatro de verdadeira lucta entre as pessoas que desejavam alli entrar, munidas de cartões ou passes de entrada.

Nos corredores, os continuos e os agentes da authoridade a muito custo podiam conter a massa de gente que alli se aglomerára, e entre a qual figuravam as pessoas mais conhecidas de Pariz.

A sala decima, em que se constituiu o tribunal, é de pequenas dimensões, e, portanto, bem depressa se encheu, não podendo conter nem mais uma pessoa.

As pessoas que ficaram de fóra promoveram verdadeiro escandalo e tumulto, accusando o presidente do tribunal de ter tido preferencias, fazendo entrar na sala muita gente por outras portas defezas ao publico.

Os lugares reservados para a imprensa ficaram por esse motivo muito reduzidos. Alli se encontravam representantes dos primeiros jornaes de Pariz, das provincias e estrangeiros. Em outros lugares da sala viam-se agrupados muitos advogados, destacando-se entre elles os mais célebres do fôro de Pariz.

Havia muitas senhoras nos bancos das primeiras filas. Receiando que a audiencia se prolongasse muito, algumas levaram *sandwichs*, pasteis e vinho.

A audiencia

Paris, 16.—A's 12 horas e 10 minutos entraram os magistrados na sala, tomando a presidencia o sr. Villiers no meio do maior silencio. Em seguida aos juizes entraram os advogados da defeza e da accusação.

Lenté, o advogado de Wilson, acompanhava o accusado, trazendo enormes massos de papeis que provocaram murmurios, pois muita gente entende que n'aquelles massos estão os documentos de caracter escandaloso, cuja leitura prometteram dias antes varios jornaes.

O sr. Wilson e a Ratazzi sentaram-se no banco á esquerda do tribunal. O sr. Wilson apresentára-se tranquillo e sereno. A Ratazzi chorava. Os outros accusados, Ribandeau, Hebert e Dubreuil sentaram-se no banco á direita do tribunal.

Feita a chamada das testemunhas, resulta faltarem tres, ás quaes o presidente do tribunal impõe 100 francos de multa. Em seguida procedeu-se a identificação dos accusados. Quando chegou a vez do sr. Wilson, este respondeu em voz baixa:

— Chamo-me Daniel Wilson: tenho 47 annos de idade, sou deputado, casado, e tenho dous filhos.

O procurador da republica notifica aos réus os delictos pelos quaes vão ser julgados, e em seguida começou o interrogatorio.

O calor na sala não podia ser mais asphixiante. O publico mostrou-se inquieto, ouvindo-se constantemente o rumor de conversações a meia voz. Fóra do tribunal, os agentes mantêem difficilmente a ordem entre a muitidão.

Os interrogatorios

Paris, 16.—O interrogatorio principia tratando em primeiro lugar da condecoração vendida a um tal Chrispin. Os depoimentos dos réus nada de novo juntaram ao que se sabia. A's perguntas que lhes foram dirigidas, Dubreuil e Hebert responderam com evasivas. Em resumo, declaram todos que nas suas transacções com Chrispin não trataram de outra cousa mais que da publicidade de annuncios e noticias nos jornaes, sobre tudo no *Moniteur de l'Exposition*, recommendando e elogiando os inventos de Chrispin.

Houve no entanto um momento em que, apertado pelo interrogatorio sobre a condecoração de um tal Belloc, Dubreuil disse:

— Esse senhor queria uma cruz de Legião d'Honra e eu aceitei as suas propostas, contando com a influencia de Ribandeau junto do sr. Wilson.

Ribandeau, irritado, replicou:

— E eu neguei-me redondamente a apoiar tal pretensão quando me inteirei das tenções de Dubreuil.

N'este ponto foi suspensa a audiencia. Laguerre, o célebre advogado que n'esta occasião defende um dos réus, aproxima-se de Wilson e aperta-lhe cordealmente a mão. Parte do publico acolhe este acto com fortes murmurios.

Interrogatorio de Wilson

Depois de um descanso de alguns minutos, reatou-se a audiencia e começou o interrogatorio do genro de Julio Grévy. O silencio não podia ser mais profundo; ninguem queria perder uma palavra, um movimento, um gesto do principal personagem do processo.

O sr. Wilson principiou por dizer que effectivamente trabalhára para que o sr. Chrispin obtivesse a condecoração que desejava, acrescentando.

— Recommendei a pretensão do sr. Chrispin porque me parecia justa, porque o sr. Chrispin tinha merecimentos sufficientes para receber a cruz da Legião de Honra. A minha posição obrigava-me a recommendar muitas pessoas. Todos os deputados, todos os homens politicos fazem isto, entendendo que cumprem um dever.

O presidente perguntou-lhe então:

— Não sabia que o sr. Chrispin havia entregado varias quantias aos outros réus?

— O sr. Chrispin—respondeu Wilson deu dinheiro para pagar annuncios e reclames nos meus jornaes; mas isso foi em epocha muito anterior á minha recommendação para o condecorarem. Tenho nos departamentos quinze jornaes que me custam muito dinheiro; mas nunca me occupei dos annuncios ou dos reclames nos meus jornaes. Ignorava, pois, completamente que o sr. Chrispin tivesse pago 5:000 francos pela insercão de annuncios e artigos laudatorios nos meus jornaes.

Interrogado sobre a condecoração para Belloc, respondeu:

— Nada absolutamente sei a esse respeito.

Terminado o interrogatorio de Wilson, começou o de madame Ratazzi.

Madame Ratazzi

Respondendo ás perguntas que lhe foram dirigidas, madame Ratazzi disse:

— Fiz com que fosse condecorado o sr. Legrand, valendo-me da influencia do sr. Wilson, que então vivia com seu sogro no palacio do Elyseu. Alli lhe apresentei por duas vezes o sr. Legrand. Na primeira entrevista, o sr. Legrand disse ao sr. Wilson que subscrevera com 300 francos para o seu jornal o *Moniteur de l'Exposition*, ao que respondeu o sr. Wilson: «Pois juntai-lhe mais um zero». Depois fui muitas vezes ao Elyseu e em uma d'ellas, disse-me o sr. Wilson: «Prometto-vos, finalmente, a condecoração para o sr. Legrand.»

O presidente interrompeu a ré, dizendo:

— Que quantia haveis recebido do sr. Legrand por esse serviço?

— Nenhuma. A posição do sr. Legrand era má. Os 90:000 francos que disse ter-lhe custado a Cruz da Legião de Honra perdeu-os certamente em especulações ruinosas.

Depois d'isto suspendeu-se a audiencia.

Entre o Quirinal e o Vaticano.—Era em 1877; Pio IX celebrava o seu jubileu episcopal.

Victor Manuel quiz n'esta occasião enviar felicitações ao Papa. Em vez de as fazer passar pela fieira dos numerosos intermediarios, por saber quanto seria agradavel ao Santo Padre, o rei escreveu simplesmente uma carta a Pio IX. Um bello dia, sem mais preambulos, viu-se chegar ao Vaticano um personagem, que entrou resolutamente na ante-camara do cardeal secretario de estado.

— A quem tenho a honra de fallar?

— A um ajudante de campo do rei de Italia.

— E em que posso servil-o?

— Queira mandar annunciar-me a Sua Eminencia.

— Mas...

— Tenho uma communicação importante a fazer-lhe da parte do meu soberano.

Não houve remedio senão ceder. Momentos depois, o ajudante de campo de Victor Manuel era introduzido e entregava a carta do rei ao cardeal, que foi immediatamente leval-a ao Papa.

Pio IX respondeu a Victor Manuel no mesmo dia, agradecendo-lhe.

Não havia então tantas etiquetas!

De outra vez, foi Pio IX que espontaneamente, e pelo mesmo modo, se dirigiu ao rei.

Certa casa de má nota tinha tido o pessimo gosto de ir estabelecer-se mesmo em frente d'um seminario. Informado do caso, e dos escandalos que d'ahi resultavam, o Papa escreveu directamente a Victor Manuel. Um grande nobre, o marquez C... foi incumbido de ir immediatamente ao Quirinal e entregar a missiva pontifical ao rei, pessoalmente.

Victor Manuel recebeu o guarda, leu a carta, e voltando-se para o marquez:

— Como não sou rei absoluto, não posso fazer o que deseja; mas vou já entregar o caso ao meu ministro do reino.

— Porém, meu senhor, Sua Santidade encarregou me de insistir com Vossa Magestade para obter prompta resolução.

— Pois bem! dê então a Sua Santidade a certeza de que farei sem demora todo o possivel para lhe ser agradavel!

Oito dias depois, a casa em questão estava fechada. E tudo isto se fez amigavelmente, com prudencia, sem que pessoa alguma o suspeitasse, e tivesse por consequencia tentação de pôr prego na roda, e excitar paixões politicas.

Os mercados de Paris.—A Agencia Havas deu nos ha poucos dias a noticia de um incendio violento, que, em poucas horas, destruiu uma parte importante do mercado central de Paris.

Esse mercado tem a sua historia, que não é das menos interessantes dos monumentos e edificios da grande capital.

O mercado central de Paris data do tempo de Luiz VII,

Filippe Augusto deu-lhe uma enorme importancia, quando augmentou a cidade; cercou-o de muros e transportou para alli a feira de S. Lazaro.

O mercado comportava então as lojas de viveres e outros generos; á noite, eram fechadas as portas exteriores.

S. Luiz mandou construir dois novos corpos ao edificio para os mercadores de pannos, correeiros e merceeiros. As barracas dos sapateiros e curtidores por Filippe-Haidi, e pouco a pouco cada manufactura teve o seu logar proprio, originando-se d'ahi o nome das ruas das Leiteiras, dos Sapateiros, etc., etc., que ainda hoje se conserva.

O primeiro incendio que historia refere succedeu em 1551. Destruiu completamente o mercado. Foi mister reconstruil-o outra vez, por um novo systema: fizeram-se então casas completas, que se ficaram chamando *Pilar* do mercado. Foi em uma d'essas casas que nasceu Molière.

Até 1786, conservou-se alli o *Pelourinho do Rei*, especie de columna de madeira, a que eram presos e expostos os bancarroteiros, etc., etc., e *a cruz dos insoluveis*, aos pés da qual os fallidos vinham declarar o abandono do seu activo e receber o castigos das mãos do algoz.

E' n'esse local que hoje fica estabelecido o mercado da manteiga.

Em 1811, o imperador decidiu, por um decreto, a construcção d'um grande mercado, mas os acontecimentos politicos não permittiram que elle se realisasse. Apezar d'isso, fizeram-se alli grandes fortunas, sob os enormes guarda-soes com que as vendedoras se abrigavam.

A população do mercado interveiu muitas vezes nas manifestações politicas. Prompta á revolta como aos enthusiasmos, foi a gente do mercado quem acclamou o duque de Beaufort e gritou:

— Abaixo Mazarin!

Mais tarde, conservou se a população do mercado ligada á realeza, ainda mesmo no tempo da republica, e as mulheres foram durante muito tempo recebidas no dia do Anno Bom pela rainha de França, a quem offereciam um ramo.

Foi no tempo de Napoleão III que se edificou o actual mercado, sobre um terreno de 88:000 metros, em muitos pavilhões de ferro fundido, que são uma maravilha de simplicidade e *bom gosto*.

Em 1869, declarou-se no subterraneo um incendio, cujos prejuizos montaram a 400:000 francos.

Effeitos do vinho.—Os jornaes de Paris referem o seguinte crime:

Joinville-le-Pont acaba de ser theatro d'um crime misterioso, que impressionou vivamente toda a população da localidade da villa.

Ha dias, de manhã, pelas sete horas, um trabalhador de pedreira, Pluquet, ao dirigir-se para o trabalho, encontrou, estendido n'uma saibreira, um homem com o craneo fracturado e com doze facadas. Avisado pelo trabalhador, o commissario veio acompanhado com um medico ao logar onde jazia o cadaver.

Reconheceu-se que a morte só podia ter tido logar poucas horas antes.

Depois de se proceder á informação judiciaria, soube-se que o morto, Julio Lefévre, habitante de Charentanneau, era passarinheiro ambulante e que possuia uma pequena casa em Saint-Maur-les-Fossés.

Na segunda-feira de tarde, Lefévre dirigiu-se para esta localidade em companhia de um individuo ali desconhecido e que elle apresentou ao principal locatorio do predio, como operario que ia fazer umas reparações.

Lefévre e o seu companheiro jantaram juntos n'uma loja de vinhos. Aquelle, como se tivesse embriagado, ao voltarem para Joinville, provocou o operario, que o deixou sobre a estrada tão barbaramente assassinado.

Um homem que os encontrara disputando junto da saibreira, ouviu pouco depois alguns gritos abafados.

O criminoso desappareceu.

Seda de aranha.—Um industrial inglez, Stettbeos, retomando uma idéa já antiga, está fabricando um tecido de fio de aranha, que a medicina vae utilisando como hemostratica. Como se sabe entre nós, é d'um uso popular o emprego da teia de aranha para estancar o sangue dos golpes.

A empreza Stettbeos é um aperfeiçoamento d'esta pratica tradicional.

Tem a casa um viveiro de grandes aranhas n'uma estufa, alimentadas e tratadas com esmero.

Aproveita especialmente os casulos dos ovos; cada casulo dá mais de cem metros de fio, e para fazer um kilo de seda são precisos 25:000 casulos.

A seda obtida é lisa, brilhante e resistente.

Agricultura e vinicultura

A FLOR NOS VINHOS

Muitos viticultores imaginam que as eflorescencias brancas, que apparecem algumas vezes á superficie dos vinhos um pouco fracos em alcool, annunciam sempre um começo de azedia. E' um erro. Nós dizemos a *flôr do vinho*, porque o phenomeno se apresenta á vista desarma debaixo do mesmo aspecto; mas, na realidade, dever-se-ia dizer *as flores do vinho*, porque um exame mais detido, com o auxilio d'um microscopio, permitte reconhecer qus ha duas especies de eflorescencias bem distinctas: umas, não sómente inoffensivas, mas ainda favoraveis á boa conservação do vinho; outras, prejudiciaes.

No primeiro caso deverá respeitar-se a flôr do vinho, no segundo eliminal-a o mais depressa possivel e vigiar a boa conservação do liquido.

A flôr do vinho póde ser composta de duas especies de mycodermas, o *mycoderma vini* ou o *mycoderma aceti*. Os primeiros, debaixo do ponto de vista chimico, não teem influencia alguma desfavoravel sobre o vinho; demais, elles operam mechanicamente, d'um modo favoravel, formando uma especie de veu que preserva a parte superior do liquido do contacto do ar; d'este modo a evaporação do alcool, que se produz sempre á superficie dos liquidos alcoolicos, é difficultada, e o desenvolvimento dos parasitas perigosos torna-se tambem difficil.

Evite-se, pois, tirar ao vinho os *mycoderma vini*; só na occasião de o beber, se devem eliminar. Consegue-se este resultado juntando-lhe uma pequena porção d'agua no caso em que o vinho está engarrafado e deve ser consumido sem demora, ou juntando-lhe vinho da mesma qualidade se está em garrafa ou em garrafão, para ser consumido mais tarde.

Póde ainda tirar-se a flor por meio de uma varinha delgada rodeada na extremidade por um novello de panno. Introduz-se esta extremidade no gargalo da garrafa, a flôr pega-se ao panno, e, operando com cuidado, póde chegar-se a desembaraçar o vinho de toda a flôr.

O caso em que é necessario eliminar immediatamente a flôr do vinho é quando esta flôr se compõe do *mycoderma aceti*. Estes mycodermas, altamente prejudiciaes, provocam rapidamente a fermentação acetica, pelo menos na parte superior do liquido. Não insistiremos no exame microscopico que permitte reconhecer o *mycoderma aceti* e distinguil-o do seu congenere *mycoderma vini*, porque este estudo seria pouco pratico para a maior parte dos viticultores.

Póde reconhecer-se a presença d'aquelle mycoderma por um ligeiro azedume á superficie do vinho. E' necessario extrahir immediatamente os fermentos perigosos, seja por um dos systemas indicados mais acima, seja, de preferencia, pelo processo seguinte:

E' preciso primeiro evitar qualquer movimento para se não correr o risco de misturar a parte sã com a parte estragada, aliás poderia compromettер-se irremediavelmente o todo.

Introduz se no vinho com flôr um tubo de vidro ou de lata, até á profundidade de 10 centimetros, tendo o cuidado de tapar com o dedo o orificio da parte superior. Colloca-se n'este orificio um funil no qual se lança vinho da mesma qualidade. afim de que a sua densidade seja proximamente igual á do vinho sem flôr. Este vinho, descendo ás camadas secundarias, faz subir o da camada superior, que tem a flôr e já talvez acetificado, escapando-se pelo batoque da vasilha com os mycodermas prejudiciaes.

Trasfega-se em seguida o vinho a que se tirou a flôr, para que os *mycodermas aceti*, que por ventura ficassem adherentes ás paredes da vasilha, não dêem logar a nova floração. Um ligeiro lote, com vinho de superior graduação ou uma pequena aguardentação, desviam todos os receios de perigo.

E. Vicente.

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 17

Concessão de differentes mercês honorificas.

Varios despachos administrativos e de instrucção publica.

Portarias mandando abrir concursos, perante os respectivos prelados, para o provimento das paroquias de Gesteira, no concelho de Soure; e Longa, no concelho de Taboaço.

Decreto modificando o regulamento da remonta de cavallos para a guarda fiscal, na parte respectiva aos cavallos para as praças de officiaes.

Annuncio de estar aberto concurso pelo praso de 60 dias, para o provimento de logares de procurador da corôa e fazenda nas comarcas do ultramar.

Participação do consul de Portugal, em Argel, de que naufragou a escuna *Resolvido* e foram salvos os tripulantes pelo vapor *Ville de Tarragone* no dia 4 de janeiro ultimo, menos o contra-mestre que pereceu arrebatado por uma [illegible]

Annuncios de estarem abertos concursos pelo praso de 30 dias, para o provimento de segundos aspirantes dos quadros de correios e telegraphos das administrações de Lisboa e Porto.

Bibliografia

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

—«*A Moda Illustrada.*—Está em distribuição o n.º 220 d'este jornal de modas para senhoras e creanças indispensavel em todas as casas de familia.

Da novidade e bom gosto dos figurinos e modelos que publica, póde facilmente ajuizar-se sabendo-se que são executados pelos primeiros artistas parisienses n'esta especialidade. E com respeito á parte descriptiva e explicativa, tanto das gravuras como dos moldes, dizer-se que está a cargo da ex.ma sr.ª D. Elvira Gorjão, cujas chronicas ácerca de modas são geralmente transcriptas pelos principaes periodicos de Paris. Além d'isso recommenda-se tambem-se pela esmerada redacção da parte litteraria, redigida por escriptores de ha muito conhecidos pela sua intelligencia e capacidade.

Cada numero da *Moda Illustrada* consta de 12 paginas, 8 das quaes inteiramente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes custando apenas 200 reis.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa. No Porto, na sua Filial, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.»

FERNANDO DE VILHENA

12

CURSO
DE
PISCICULTURA PRATICA

PRIMEIRA PARTE

OS PEIXES

CAPITULO I

Noções geraes

Peixes são animaes vertebrados, de sangue frio e vermelho, que respiram pelas guelras e vivem exclusivamente nas aguas.

Na sua mais lata extensão, os peixes podem dividir-se em tres cathegorias geraes:

Peixes d'agua doce, os que vivem e se reproduzem exclusivamente na agua doce; *peixes do mar*, os que vivem e procriam exclusivamente na agua do mar ou nas bacias interiores dos portos, até onde chega a invasão das aguas salgadas; e *peixes mixtos*, os que vivem simultaneamente nas aguas doces e salgadas, e os que povoam as aguas doces e se reproduzem na agua salgada.

Quando tratarmos da piscicultura propriamente dita, apreciaremos mais detidamente quaes são as condições da existencia de cada uma d'estas especies e as razões, que justificam esta divisão.

O corpo do peixe é elypsoide em algumas especies, cylyndrico em outras, e ainda em algumas apresenta umas grandes compressões no sentido vertical ou horisontal. A cabeça forma com o resto do corpo uma continuidade muito pronunciada, apresentando, conseguintemente, entre este e os outros grupos do reino animal uma grande differença d'organisação. Entre algumas familias é perfeitamente espherica; entre outras, obtusa; e muitas especies ha que apresentam esta parte do corpo depremida em varios sentidos.

A cauda destaca-se visivelmente na outra extremidade do corpo e é formada por uma série de filamentos musculosos, dispostos em fórma de leque, mais ou menos distendido, *conforme as especies*.

A variavel estructura anatomica dos seus orgãos, a diversidade das suas fórmas, das suas côres e da sua constituição externa tornam extraordinariamente difficil, complexa e longa a classificação methodica dos peixes. A sua anatomia é um dos ramos mais difficultosos da Historia Natural.

Não é, portanto, para ser tractada n'este livro, onde apenas faremos um esboço dos seus principaes caracteristicos, na parte indispensavel ao estudo da piscicultura, nem cabe nas dimensões d'este volumo, que tem outra missão a cumprir, um trabalho completo e perfeito sobre assumpto de tal magnitude. Apesar d'isso, faremos um ligeiro resumo dos quadros das familias de peixes, delineados por Cuvier, Müller e Moreau.

Adoptámos e seguimos a classificação d'este ultimo naturalista, porque a julgamos a mais completa de quantas têm apparecido no mundo da ictyologia.

CAPITULO II

Classificação Cuvier

O insigne histologista Barão Cuvier, uma das notabilidades mais distinctas da França contemporanea, classificou os peixes pela fórma seguinte:

OSSEOS

Peixes de guelra em forma de pente ou em laminas

Maxilla superior livre

Acanthopterygios

1.ª **familia**—Percoides.
2.ª » —Polynémes.
3.ª » —Mulles.
4.ª » —Courassados.
5.ª » —Scienoides.
6.ª » —Sparoides.
7.ª » —Chetodonoides.
8.ª » —Scomberoides.
9.ª » —Mugens.
10.ª » —De guelras labyrintiformes.
11.ª » —Lophioides.
12.ª » —Gobioides.
13.ª » —Labroides.

Malacopterygios

ABDOMINAES

1.ª **familia**—Cyprinoides.
2.ª » —Siluroides.
3.ª » —Salmonoides.
4.ª » —Clupeoides.
5.ª » —Lucioides.

SUB-BRACHIOS

6.ª **familia**—Gadoides.
7.ª » —Pleuronectos.
8.ª » —Discobolos.

APODES

9.ª **familia**—Murenoides.

Peixes de maxilla superior fixa

10.ª **familia**—Sclerodermes.
11.ª » —Gymnodontes.

Peixes de guelra em fórma de borla

12.ª **familia**—Lophobranches.

CARTILAGINOSOS ou CHONDROPTERYGEOS

1.ª **familia**—Sturionios.
2.ª » —Plagiostomos.
3.ª » —Cyclostomos.

Esta classificação tem o grave inconveniente de reunir, sob a mesma ordem, individuos de diversa estructura, diversas condições anatomicas, e relações naturaes muito affastadas. Algumas das distincções tomadas por Cuvier, como typo, apresentam uma expressão vaga de mais, para poderem conscientemente, acceitar-se como caracteres differenciaes.

Assim, Cuvier agrupa na mesma classe os Cyclostomos e os Plagiostomos, que pouca ou nenhuma affinidade têm entre si, e apenas se assimelham na constituição cartilaginosa e indivisibilidade do craneo. As enguias foram pelo notavel naturalista collocadas ao lado dos Ammodytes e dos falsos Apodes, dos quaes divergem em quasi todos os caractrees e principalmente na fórma exterior do corpo.

Estes defeitos de classificação, além de muitos outros que se manifestam no systhema Cuvier, tornam pouco viavel o seu quadro methodico dos peixes e fazem-nos preferir-lhe o de Moreau, que mais adeante exporemos.

CAPITULO III

Classificação Müller

CLASSIS
PISCES

Sub-classis prima

Dipnoi

Ordo prima

Sirenoidei

Familia 1.ª—Sirenoidei.

Sub-classis secunda

Teleostei

Ordo prima

Acanthopteri

Familia 1.ª—Percoidei.
» 2.ª—Catafracti.
» 3.ª—Sparoidei.
» 4.ª—Sciænoidei.
» 5.ª—Labyrinthiformis.
» 6.ª—Mugiloidei.
» 7.ª—Notacanthini.
» 8.ª—Scomberoidei.
» 9.ª—Squammipennes.
» 10.ª—Tænioidei.
» 11.ª—Gobioidei.
» 12.ª—Blennioidei.
» 13.ª—Pediculati.
» 14.ª—Theuties.
» 15.ª—Fistulares.

Ordo secunda

Anacanthini

Familia 1.ª—Gadoidei.
» 2.ª—Ophidini.
» 3.ª—Pleuronectides.

Ordo tertia

Pharingognathi

SUBORDO PRIMA

Pharingognathi acanthopterigii

Familia 1.ª—Labroidei cycloidei.
» 2.ª—Labroidei ctenoidei.
» 3.ª—Chromides.

SUBORDO SECUNDA

Pharingognathi malacopterygii

Familia 4.ª—Scombresoces.

Ordo quarta

Physostomi

SUBORDO PRIMA

Physostomi abdominales

Familia 1.ª—Siluroidei.
» 2.ª—Cyprinoidei.
» 3.ª—Characini.
» 4.ª—Cyprinodontes.
» 5.ª—Mormyri.
» 6.ª—Esoces.
» 7.ª—Galaxiæ.
» 8.ª—Salmones.
» 9.ª—Scopelini.
» 10.ª—Clupeidæ.
» 11.ª—Heteropygii.

SUBORDO SECUNDA

Physostomi apodes

Familia 12.ª—Murænoidei.
» 13.ª—Gymnotini.
» 14.ª—Symbranchii.

Ordo quinta

Plecgtonathi

Familia 1.ª—Balistini.
» 2.ª—Ostraciones.
» 3.ª—Gymnodontes.

Ordo sexta

Lophobranchii

Familia 1.ª—Lophobranchii.

Sub-classis tertia

Ganoidei

Ordo prima

Holostei

Familia 1.ª—Lepidosteini.
» 2.ª—Polypterini.

Ordo secunda

Chondrostei

Familia 1.ª—Acipenserini.
» 2.ª—Spatulariæ.

Sub-classis quarta

Elasmobranchii S. Selachii

Ordo prima

Plagiostomi

SUBORDO PRIMA

Squalidæ

Familia 1.ª—Scyllia.
» 2.ª—Nyctitantes.
» 3.ª—Lamnoidei.
» 4.ª—Alopeciæ.
» 5.ª—Cestraciones.
» 6.ª—Rhinodontes.
» 7.ª—Notidani.
» 8.ª—Spinaces.
» 9.ª—Scymnoidei.
» 10.ª—Squatinæ.

SUBORDO SECUNDA

Rajidæ

Familia 11.ª—Squatinorajæ.
» 12.ª—Torpedines.
» 13.ª—Rajæ.
» 14.ª—Trygones.
» 15.ª—Myliobatides.
» 16.ª—Cephalopteræ.

Ordo seccunda

Helocephali

Familia 1.ª—Chimæræ.

Sub-classis quinta

Marsipobranchii S. Cyclostomi

Ordo prima

Hyperoartii

Familia 1.ª—Petromyzonini.

Ordo seccunda

Hyperotreti

Familia 1.ª—Myxinoidei.

Sub-classis sexta

Leptocardii

Ordo prima

Amphioxini

Familia 1.ª—Amphioxini.

Esta classificação, além de complicada, nem sempre assenta sobre bases inteiramente seguras. Para a divisão de algumas sub-classes, Müller aproveitou phenomenos anatomicos de limitadissima importancia, vulgares até em especies, que pertencem a grupos distinctos.

Assim, na ordem primeira da segunda sub-classe, entre os acanthropterios Muller deixou d'incluir os acanthopterygios, que Cuvier muito sensatamente subordinou áquella secção. Para classificar, na ordem terceira da segunda sub-classe, os paryngognates, Müller serviu-se d'um caracter differencial pouco preciso, que, na verdade, nenhuma importancia tem para o caso e que, as mais das vezes, varia de familia para familia, e, não raro, de exemplar para exemplar da propria familia.

O mesmo facto se repete com a classificação dos *Ganoides*, que parte de principios muito contradictorios e evidentemente contestados por alguns outros naturalistas. Segundo Müller, todos os peixes, que pertencem á sua terceira sub-classe, devem manifestar a existencia de um bolbo aortico contractil, com uma disposição methodica e regular de valvulas.

Vogt, por exemplo, nega em absoluto esta asserção e, forçá é confessal-o, uma longa série de phenomenos attestam as verdades expostas por este physiologista. Vogt assegura que, para se inscrever qualquer especie na sub-classe dos *Ganoides*, é indispensavel que a estructura do exosqueleto seja constituida por *peças compostas de tecidos osseos, exteriormente cobertos de um esmalte especial*. E esta circumstancia está demonstrada pela experiencia e pelos estudos anatomicos de outros naturalistas eminentes.

O que deixamos dito prova, a nosso ver, que o quadro methodico dos peixes, de Müller, não é um trabalho tão completo, que mereça ser apresentado como o mais perfeito d'entre todos. Cumpre-nos, todavia, declarar que esta classificação é, ainda hoje, seguida por alguns auctores, que a julgam relativamente acceitavel.

(Continua.)

PAGINA LITTERARIA

A MULHER EM ROMA

(Continuação.)

Mas vejamos quaes eram as fórmas de casamento usadas em Roma e quaes as que produziam a *manus*, a que ainda agora nos referimos.

Romulus lançando os fundamentos á sociedade romana, creou desde logo uma aristocracia theocratica, a quem confiou o monopolio do culto—o patriciado. Do casamento patricio fez Romulus um misterio religioso, ou como querem alguns, addicionou lhe uma solemnidade, cujas consequencias eram ao mesmo tempo civis e religiosas—a *confarreação*. Esta forma de casamento porém foi vedada á plebe, porque esta, sendo como era considerada estranha não só á organisação religiosa e politica da cidade, mas até mesmo á da familia, não tendo lar nem altar, não podia aspirar por nenhuma forma ao casamento sagrado. Foi necessario ainda um seculo de lucta, para que ella conseguisse que, ao seu casamento fossem concedidas não as solemnidades da *confarreação*, porque essas negaram-lhes sempre, mas os effeitos civis d'ella. Era pela *confarreação* que a mulher passava logo, immediatamente, do poder do pae para o do marido; era esta a forma de casamento que produzia desde logo a *manus* direito absoluto de propriedade que o marido tinha sobre a esposa. D'aqui a altissima importancia que a *confarreação* logrou ter na sociedade romana. Tem-se dito que nos começos de Roma a *confarreação* era a unica forma de casamento existente; não o cremos. Ainda que a historia o não registe, não se pode deixar de acreditar que outras houvesse. As mulheres raptadas pelos romanos no tempo de Romulus desposaram-se com elles segundo as leis do seu paiz, e não pela *confarreação*, porque esta forma de casamento era propriamente romana, e mesmo não existia ainda, veio depois. Dissemos raptadas, para ir de accordo com a velha lenda, pois parece-nos que Romulus o que quiz conquistar não foi algumas mulheres, mas sim o direito de casamento, o direito de estabelecer relações amigaveis com a população sabina. Os primeiros casamentos não passaram decerto d'uma convenção mutua, para que não havia nenhuma lei especial, não podendo por isso produzir a *manus* esse almejado sonho de todo o romano. O marido devia usucapir sua esposa, como uma cousa mobil por um anno de posse; durante este anno elle não tinha sobre ella a *manus* que ficava ao pae. Como um tal casamento não produzia aquelle direito senão passado um anno, o que alliás era um estorvo na organisação da familia, Romulus creou então a *confarreação* que remediava aquella falta produzindo desde logo a *manus*, mas reservou-a unicamente para a classe patricia, para cuja conservação a julgou indispensavel.

Servius Tulius, desejando dar á plebe algumas garantias e libertal-a um pouco do patriciado, procurou satisfazer-lhe uma das suas mais legitimas aspirações, concedendo-lhe tambem a *manus* ao seu casamento. No anno 176 de Roma decretou elle o casamento *peraes et libram* que dava ao marido pela *cœmptio* a *manus* immediata sobre a mulher. Substituiu-se a usacapião pela compra, variando-se assim o modo da acquisição. O homem que queria desposar-se, comprava a mulher que escolhera para esposa, e esta venda ficticia produzia logo a *manus*, evitando assim as delongas e contratempos que comsigo trazia a usacapião. Por qualquer d'estes modos se adquiriu a *manus*.

Além d'estes havia o casamento *per usus*, conhecido tambem por casamento natural e que era uma especie de concubinato. Uma mulher com o consentimento de seus paes ou tutores, vivia com um homem durante um anno, e no fim d'elle era sua esposa, e elle adquiria então a *manus* sobre ella. Este direito, porém, não o adquiria o marido, se a mulher tivesse deixado a sua casa d'elle, durante tres noites consecutivas, porque assim a usacapião começada ficava interrompida e n'este caso a mulher podia fazer-se reivindicar por seu pae ou tutor. Aqui temos portanto o casamento sem a *manus*, casamento em que a mulher em vez de *entrar* na familia de seu marido, ficava na familia de seu pae. Este casamento a principio pouco usado, tornou se depois quasi geral, e não admira que assim succedesse.

Resta ver agora como se realisava qualquer das formas de casamento já apontadas, e bem assim quaes as circumstancias especiaes que o precediam.

Para o romano do mesmo modo que para o lacedemonio o casamento era uma obrigação sagrada e civil. Havia uma antiga lei, que não permittia que o homem ficasse celibatario chegado que fosse a uma certa idade; depois, muito depois outras vieram confirmar aquellas, impondo penas severas áquelles que se recusavam dar filhos á patria. Augusto declarou infames os celibatarios e inhibiu-os de herdar de um estranho. Não era a consideração pela mulher que levou os legisladores romanos a recommendarem o casamento, era a necessidade absoluta de augmentar a população dizimada por guerras continuas.

Os primeiros romanos casaram com mulheres estrangeiras, e identicas allianças se verificaram por muitos annos adiante. Mais tarde porem este uso soffreu profundas alterações; as allianças com estrangeiros só foram permittidas quando estes gosavam do direito de cidade, por que assim os filhos nascidos d'ellas eram considerados como cidadãos romanos.

Uma das leis das Doze Tabuas prohibiu expressamente o casamento entre patricios e plebeus. Antes, parece que esta prohibição não existia, e mesmo por que não seria facil estabelecel-a n'uma sociedade que estava em via de formação, como era a sociedade romana. A lei *Canuleia* promulgada no anno 309 da fundação de Roma, derogou aquella e os casamentos entre as duas classes ficaram sendo permittidos. As uniões entre pessoas livres e as escravas, ainda que libertas, tambem eram prohibidas, prohibição esta que a lei Julia restringiu depois aos senadores e a seus descendentes. O parentesco era tambem um obstaculo ao casamento, que não podia ser contrahido dentro de certos graus de consanguinidade. Quando estes se não respeitavam, o casamento era considerado incestuoso e os que o haviam contrahido punidos com a pena de deportação. Finalmente, o casamento d'um tutor que tinha abusado da sua posição para desposar a sua pupila ou fazel-a desposar por um filho seu, a fim de se assenhorear dos seus bens, era nullo.

Para que o casamento fosse legitimo, tornava-se necessario que os esposos e os chefes das suas respectivas familias para elle déssem o seu consentimento. Este consentimento porém não era jámais pedido á mãe, por isso quando a noiva era orphã de pae, elle dispunha livremente da sua mão, e a intervenção dos tutores n'este caso era portanto dispensada e só precisa para a constituição do dote. A noiva devia acceitar voluntariamente a sua união, e se ella não podia livremente escolher seu esposo, ao menos era-lhe facultado em certos casos recusar o homem que lhe offereciam para marido.

A edade era tambem uma das condições essenciaes do casamento; a lei fixava o minimo de quatorze annos para o noivo e de doze para a noiva. Os esponsaes podiam porém ter logar antes.

Como tivemos já occasião de ver, entre alguns povos, como os hebreus, e, mesmo os athenienses, os esponsaes eram o proprio casamento. Em Roma, porém, esta ceremonia não era necessaria para a validade das convenções matrimoniaes. Mas ainda assim tinham uma tal ou qual sombra de legalidade. Em quanto que o laço por elles contrahido subsistia, os noivos não podiam sem opprobrio contrahir novas allianças. Do mesmo modo que o casamento não se realisavam sem o consentimento das partes contratantes. Além do consentimento d'estes era tambem necessario o de seus paes ou agnados. Os esponsaes eram um acto solemne mas puramente familiar e podiam realisar-se por procuração ou mesmo simples cartas. Assignada a promessa de casamento, um annel de ferro que posteriormente foi substituido por um de oiro, era offerecido pelo noivo a sua futura esposa; esta, nos tempos primitivos, offerecia-lhe um vestido que ella propria fizera e que elle levava á guerra. A' solemnidade punha sempre termo um banquete que, era uma das festas mais sympathicas da familia romana, a acreditar-se na descripção que d'elle faz Plautus. O espaço que mediava entre os esponsaes e o casamento era ordinariamente de um anno.

MARQUES GOMES.

(*Continua*.)

MONTMORENCY

Henriques II duque de Montmorency, par, e almirante de França, nasceu em 30 de abril de 1595, e foi decapitado na casa da camara de Tolosa, como criminoso de lesa-magestade, em 30 de outubro de 1632.

O duque havia desposado Maria Felice dos Ursinos. Esta mulher, moça bella, bem feita, cheia de encantos e de espirito, não pensava senão em possuir o coração de seu marido, todo inteiro. Muitas vezes a si propria fazia violencia para lhe occultar seus pesares, e fazer-lhe a sua casa mais agradavel. Porém sua dôr era tamanha, seus combates tão frequentes, que o duque apercebeu-se bem depressa da alteração de suas feições, *Estais doente*, lhe disse elle; *estais mudada!* —*E' verdade*, lhe replicou a duqueza, *o meu rosto está mudado*; *porém o meu coração não*. A estas palavras desatou em lagrimas. O duque, tocado até ao fundo d'alma, prometteu-lhe tudo quanto ella queria; porém o habito teve sobre elle mais força do que as promessas. Sómente d'ahi por diante empregou mais mysterio nas suas galantes intrigas, e indemnisou sua mulher por todas as possiveis provas de respeito, deferencia, estima e confiança.

O duque de Montmorency, depois da morte de seu pai, reunio a casa d'elle á sua, e por isso ficou esta sendo a mais numerosa e brilhante do reino. Não tinha menos de trinta pagens e cincoenta gentilhomens, todos pagos e sustentados com tanta magnificencia, que antes pareciam grandes fidalgos do que simples gentilhomens. D'aqui se vê que o numero dos creados devia ser proporcional. A duquesa sua esposa, apesar de ter uma alma grande e generosa, julgou dever fazer-lhe observações a este respeito. O duque fingindo estar de accordo com as suas razões, entreteve-se um dia com ella a passar em revista a sua casa, porém apenas elle nomeava um empregado ou creado inutil, logo Montmorency tomava a sua defeza; este era necessario aos seus gentilhomens; aquelle fôra recebido por via de recommendação dos seus amigos; finalmente de tamanho numero não se encontraram mais do que pois que elle pareceu abandonar a sua esposa; mas d'ahi a pouco lhe perguntou se ella acreditava que elles fizessem grande despeza á sua casa: «Não são elles assás infelizes», acrescentou Montmorency, «em não prestarem para nada? Havemos dar-lhe ainda em cima o pesar de os despedirmos?»

N'uma viagem que fez do Languedoc a Paris passou por Bourges, onde o duque de Enguien, depois o grande Condé, seu sobrinho, estudava no collegio dos Jesuitas. Presenteou o moço principe com uma bolsa cheia de ouro. Quando regressou por alli, perguntou-lhe o uso que fizera d'aquelle dinheiro; e o menino apresentou lh'o tal qual o recebera. Montmorency, muito descontente por ver que não o gastára em liberalidades, agarrou a bolsa, e arremessando-a pela janella fóra, disse: «Eis o caso que um principe deve fazer do dinheiro.»

Um dia em que jogava, teve uma parada de tres mil pistolas. Um dos espectadores disse para outro individuo que lhe ficava ao pé: «eis uma quantia que faria a fortuna de um homem honrado.» O duque ouvio-o, ganhou a parada, e apresentando a quantia áquelle gentilhomem disse-lhe: «Desejaria bem, sr., que a vossa fortuna fosse maior.»

N'um dos seus passeios pelo campo, entertinha-se conversando no que consistiria a felicidade da vida. Um dos da sua comitiva sustentava com rasão que o homem nas condições ainda as mais limitadas, era muitas vezes mais feliz do que os grandes da terra. Eis quem resolverá a questão, replicou o duque vendo quatro cultivadores jantando á sombra de uma arvore. Foi direito a elles, e dirigindo-lhes a palavra: «Meus amigos», lhes disse, «sois felizes?» Tres lhe responderam que, limitando sua felicidade a algumas geiras de terra que receberam de seus pais, não desejavam nada mais. O quarto confessou que não faltava aos seus desejos senão a posse de um campo que pertencera á sua familia, e passára para mãos estranhas. «Mas se o tivesses,» continuou o duque, «serias feliz?» —Tanto, sr., quanto se póde ser n'este mundo.—«Quanto vale o campo?»—Dois mil franc s.—«Dêem-lh'os;» exclamou Montmorency para os seus criados; «diga-se que hoje fiz um homem feliz.»

Em 1625, o duque de Montmorency bateu a esquadra dos calvinistas, junto á ilha de Rhé, e tomou a referida ilha de que elles se tinham assenhoreado. O vencedor pedio o governo da sua conquista, como recompensa do importante serviço que acabava de prestar. O rei deu esse governo ao sr. de Toiras. Longe de testimunhar ressentimento contra um rival mais feliz, Montmorency abandonou-lhe mais de cem mil escudos de munições que lhe pertenciam legitimamente como almirante. Notaram ao duque que tal sacrificio era ingente: «Eu não vim aqui para ganhar bens, replicou elle com altivez, mas para adquirir gloria.»

Quando em 1626 se fallava do sitio da Rochella, que era o baluarte do calvinismo, Montmorency, fatigado das demoras que haviam n'esta expedição, foi procurar o chanceller d'Aligre. Declarou-lhe que se o rei quizesse dar-lhe o commando ds um exercito de terra juntamente com o da esquadra, elle se compromettia a tomar Rochella dentro em pouco tempo. «Que não me digam, acrescenta o heroe, que as finanças estão esgotadas; offereço fazer todos os adiantamentos necessarios á empresa; se ella descair serei castigado com a perda do que é meu e da minha reputação; se a fortuna coroar meu zelo, a honra de ter servido o estado será a minha recompensa.»

O chanceller, os ministros, toda a corte admiraram uma tão magnanima linguagem; porém o cardeal de Richelieu reservava a gloria de conquistar a Rochella.

O duque de Montmorency atacou, em 1630, os hespanhoes junto de Veillane no Piemonte, e ainda que com forças muito inferior, bateu-os completamente. Fez n'esta occasião prodigios de valor. Os soldados vendo-o voltar coberto de suor, poeira e sangue, disseram que o seu general nunca tivera tão boa cara, e que o ouro de que suas armas estavam enriquecidas antes de entrar em acção, tinha muito menos brilho do que os vestigios que o ferro e o chumbo imprimia n'ellas. O conde de Cramail, um dos seus marechaes de campo, perguntou-lhe se, entre os asares do combate, elle havia encarado bem a morte: «Aprendi, lhe respondeu Montmorency, na historia dos meus antepassados, e especialmente na de *Anne de Montmorency*, que a vida mais brilhante é aquella que acaba no seio da victoria.» D. Martin d'Aragão, um dos seus prisioneiros, que fôra ferido na acção, recebeu do vencedor todos os soccorros imaginaveis. Este senhor, surprehendido de tanta magnanimidade, não julgou poder testimunhar-lhe melhor os seus sentimentos do que dizendo-lhe: «Senhor, não vos falta para ser o primeiro homem do Universo, senão o ser hespanhol.» Montmorency respondeu-lhe sorrindo-se, que elle sempre estimara muito a sua nação.

Gastão, duque de Orleans, irmão de Luiz XIII, tendo em 1632 excitado perturbações em França, o duque de Montmorency teve a fraqueza de abraçar os interesses d'um principe tão liviano. Recebe-o no seu governo do Languedoc que se transformou em theatro de guerra. Os exercitos encontraram-se na visinhança de Castelnaudary. O duque prompto a travar combate, apercebendo-se de medo no chefe do seu partido, buscou tranquilisal-o em virtude de fortes representações: «Vamos, sr., lhe disse elle, eis aqui o dia em que saireis victorioso dos vossos inimigos; porém acrescentou elle, mostrando a sua espada, é preciso tingil-a até aos cópos.» Este discurso não fazendo a impressão que elle esperava, este homem generoso, arrastado tanto pelo seu pezar, como pelo seu valor, precipitou-se no centro dos batalhões realistas. Acabrunhado pelo numero, foi obrigado a ceder, e ficou prisioneiro. Instaurou-se-lhe processo. Os juizes interrogaram um official chamado Guitaut, para saber se elle reconhecera o duque no combate. O fogo e o fumo de que estava coberto, respondeu este official, impediram-me primeiro reconhecel-o; porém vendo um homem que, depois de ter rompido seis das nossas fileiras, ainda na setima matava soldados, julguei que não podia ser outro senão o sr. de Montmorency, tive finalmente a certesa, quando o vi por terra debaixo do cavallo.»

A França inteira e as potencias estrangeiras interessaram-se inutilmente por Montmorency. Richelieu persuadira o rei a fazer um exemplo que amedrontasse os grandes. Arriscava-se a ter o ministro por inimigo quem sollicitasse o perdão do culpado. Hai-du-Chatelet, ainda que creatura do cardeal, deixou comtudo transparecer no seu rosto e modo de fallar tanta tristeza, que o rei lhe disse: «Julgo que antes querias perder um braço, mas salvar o sr. de Montmorency.»—Desejara perder ambos, sr., exclamou elle chorando, para salvar aquelle que vos tem ganho, e ganharia ainda tantas batalhas.»

Muitos amigos do duque, esperando tudo do tempo, fizeram-lhe entregar uma memoria suggerindo-lhe os meios de alongar o seu processo. O duque, depois de ler a memoria, e reconhecer com prazer a mão que lhe escrevera, rasgou-a dizendo: «A minha resolução está tomada; não quero chicanar a minha vida.»

A duqueza, a quem seu esposo muito recommendara perdoasse aos authores da sua morte, buscou asylo e consolação aos pés do crucificado. «O' meu Deus, dizia ella derramando torrentes de lagrimas, não amei senão a elle no mundo, e vós m'o arrebataste a fim de que não ame senão a vós.» Como a aconselhassem a salvar os seus diamantes e cousas mais preciosas: «Não, não, dizia ella; não quero outros bens senão a dor e a paciencia; nem uma, nem outra, receio que me tirem.»

Depois da morte de Luiz XIII a duqueza fez construir uma egreja para as religiosas da Visitação de Moulins, e ahi mandou erigir a seu esposo um dos mais bellos mausoleos que então houve na Europa.

TORCATO TASSO

O poeta italiano Torcato Tasso, nasceu em 11 de março de 1544 em Sorrento, no reino de Napoles, e morreu em Roma em 14 de abril de 1595.

Desde a infancia deu logo mostras de um gosto decidido pela poesia, e procurou adquirir protectores, apesar de quantas observações lhe fizera seu pai, que por experiencia conhecia o perigo de cultivar a poesia, e travar relações com os grandes Aos desesete annos de idade compoz o seu poema *Reinaldo*, e aos vinte e dois principiou a *Jerusalem libertada*, o mais bello poema epico, e talvez o unico de que a Italia se póde gloriar.

Na edade de vinte e oito annos, Tasso seguio a França o cardeal de Est, e foi apresentado ao rei Carlos IX. Este principe favoreceu-o com uma particular benevolencia; e até mesmo lhe concedeu uma graça que a muitos outros recusára. Um homem tornara-se culpado de um crime que só a morte devia castigar; porém este homem era um poeta de reputação. Tasso, tanto por confraternidade nas musas, como por compaixão pelo poeta, foi implorar-lhe o perdão do rei. Dirigio-se ao Louvre: mas apenas chegou soube que o rei acabava de ordenar que a sentença fosse executada dentro em poucos dias; e que além d'isto declarara ser essa a sua ultima vontade. Esta declaração de um principe que sabia sustentar o dictado—«palavra de um rei não volta atraz», não desanimou Tasso. Apresentou-se francamente ao rei: «*Sire*, lhe disse, venho supplicar a Vossa Magestade que deixe morrer em virtude da lei um infeliz que demonstrou pela sua escandalosa queda, que a fragilidade humana escarnece das lições da philosophia.» O rei impressionado por esta reflexão de Tasso, e de similhante modo de pedir perdão, concedeu-lhe a vida de criminoso. Esta anedocta apparece unicamente narrada nos historiadores italianos.

Tinha trinta annos quando publicou a *Jerusalem libertada*, e achava-se então na côrte de Affonso, duque de Ferrara, seu protector. Este poeta nascera com um coração sensivel, e concebeu por Leonor d'Est, irmã do duque, uma violenta paixão. A princeza tambem não o via com indifferença. Tasso, conforme dizem os historiadores da sua vida, tinha tudo quanto é preciso para agradar; um caracter doce, e complacente, uma figura seductora, mil encantos na conversação, imaginação brilhante, e muita elevação na alma, juntando a tudo isto uma bravura a toda a prova. Tendo confiado o segredo d'estes amores a um indiscreto amigo que o trahiu, bateu-se contra este indiscreto, e mais tres irmãos d'elle que tiveram a covardia de se unirem quatro contra um. O poeta defendeu-se com tanto valor, que ferio dois dos seus adversarios, e deu tempo a chegarem aquelles que correram a separal-os.

Com tudo o duque, instruido do motivo d'aquella querella, e offendido de que se ousasse levantar olhos sobre sua irmã, fez prender a Tasso, e d'ahi por diante o resto da sua vida não foi mais que uma serie de desgraças e dores. Soffreu o exilio, a prisão, a miseria, e até mesmo a fome. Estes máos tratamentos, e sua louca paixão, junto aos criticos ultrajes que lhe suscitaram os rivaes de sua gloria, alteraram-lhe a saude. Cahio n'uma tal melancolia, que por muitos annos fez julgar insensato o homem que se elevava pela força do seu genio acima de todos os seus contemporaneos.

Finalmente ao cabo de vinte annos, a inveja cançou de o perseguir, e seu merito venceu tudo. Offereceram-se-lhe honras e fortuna. Clemente VII, querendo honrar de uma forma particular o author da *Jerusalem libertada*, mandou-o chamar a Roma. O papa resolvera em uma congregação de cardeaes conceder-lhe a coroa de louro, e as honras do triumpho, ceremonia muito honrosa, e então muito ambicionada. Os dois cardeaes Aldobrandins, sobrinhos do papa, que se faziam a si proprios um titulo de gloria em admirar e amar o Tasso, foram com grande numero de prelados e pessoas de distincção ao encontro do poeta a uma milha fóra de Roma. Foi conduzido á audiencia do papa.—Desejo, lhe disse o pontifice, honrar-vos com a coroa de louro que até aqui tem hourado todos aquelles que a cingiram.—A coroação devia ser feita no capitolio. Os dois cardeaes sobrinhos encarregaram-se de todos os preparativos para a solemnidade. O triumpho de Thasso devia ser completo; mas o poeta, que fôra tão infeliz toda a sua vida, caío n'uma languidez mortal em quanto se faziam aquelles preparativos, e morreu mesmo na vespera do dia destinado para a ceremonia, como se a fortuna quizesse sempre zombar d'elle até ao fim dos seus dias.

O author das *Observações sobre a Italia* narra um facto singular, no qual se prova que a Providencia sabe misturar algumas consolações com os desgostos que o ciume contemporaneo lança muitas vezes na vida dos homens illustres. As montanhas nos suburbios de Gayetta, eram no tempo de Tasso, um covil de bandidos, a maior parte dos quaes eram desertores dos exercitos que, durante parte do decimo sexto seculo, tinham disputado o reino de Napoles. Estes bandidos, vivendo do roubo, e da pilhagem, compunham uma especie de republica, pouco inquietada, e até mesmo tolerada, segundo se diz, pelos vice-reis hespanhoes. Emquanto elles se conservaram alli, os viajantes não se aventuravam por aquelles sitios, senão em caravanas armadas e numerosas. Uma d'estas caravanas, nas quaes ía Tasso, foi atacada. Um dos bandidos ouvindo por acaso, mesmo no campo de batalha, nomear o author da *Jerusalem libertada*, levou-o em sua companhia á presença do chefe. Este recebeu-o com respeito e veneração, restituio-lhe a sua bagagem, e accrescentou lhe um presente. Além d'isto, o proprio chefe dos bandidos, á frente de uma escolta, conduzi-o até o meter em caminho, fóra de perigo.

Tasso, ainda que infeliz, mostrou sempre muita doçura e generosidade. Propondo-lhe alguem que se vingasse de um homem que muito o havia prejudicado, respondeu: «Não quero tirar-lhe nem os bens, nem a vida, nem a honra; desejava sim, tirar-lhe a sua má vontade.»

ESBOÇO DE UM CARACTER E HOMEM ENERGICO

Vamos entrando na época infeliz em que a cousa mais rara que se póde ver é —*um homem*. Grypho a palavra, porque a tomo no seu sentido mais transcendentemente vulgar.

Um homem energico! Dêem-me um homem de energia. Nada é impossivel para elle. Acostumou-se a educar a e domar até á docilidade, esse inimigo vulgar a que os homens vulgares chamam o *impossivel*.

Longe de as difficuldades o levarem de vencida, para que a coragem lhe redobra com ellas para alvejar e conquistar a meta a que se dirigem os seus tenazes esforços. Tão facil é o pusillanime em ceder ao menor contratempo, em desanimar covardemente perante o mais insignificante attrito que se lhe erriça debaixo dos pés, no caminho plano e cylindrado que traçou a si proprio, unico a que se abalançam os seus passos timidos quanto indomito e contumaz é o espirito dotado da verdadeira energia em presença das montanhas de obstaculos que pretendem embargar-lhe o gresso e inutilisar-lhe os tentamens.

Pesa e sopesa por muitas vezes o que tem a fazer: medita o seu plano, encara-o por todos os lados, examina-o em todas as suas circumstancias, anda, por assim dizer, á roda d'elle dias e dias, prevê todas as suas consequencias provaveis, os prós e os contras que offerece, a preponderancia d'aquelles sobre estes. Rumina-o por muito tempo: esquece-o de sobrepensado para depois voltar a ruminal-o com menos preoccupação e toda a placidez.

Formado o seu juizo prudencial, e convicto finalmente da conveniencia da realisação d'esse plano, nada o detem. A's vezes parece que os contratempos e os dezares se amiudam e se lhe atravessam de proposito para lhe tolher o passo; mas o homem de energia faz d'elles um feixe que esmigalha em mil detritos com seus dedos de aço, e, sorrindo d'esses impossiveis de bom genio que tentavam descorçoal-o, dá o passo decisivo que converte o projecto em realidade e a esperança em certeza.

Sabe esperar por annos, se fôr preciso, dissimular, calcular como um banqueiro, recuar, reandar o caminho arripiado, precipitar a marcha como um lebreiro, tentar o que se antolha a todos improbabilissimo, ou rivalisar com a invencivel paciencia da onça em aguardar a presa, na longanimidade com que aguarda e empolga a opportunidade, aquella indisivel opportunidade que lhe entrega o triumpho da sua empreza gisada.

Quem o observa e lhe observa os meneios, julga á primeira vista que afinal a adversidade, como uma onda medonha e enexoravel, o colheu e submergiu, mas eil-o que reaparece impavido e sereno sobre o dorso da vaga já submissa, ao passo que a escuridão sinistra se dissipa no horizonte e seus olhos fixam de novo no céu diaphano o sol da esperança. N'estas luctas está precisamente a sua vida. Precisa da opposição, como o aço da resistencia, para desenvolver a sua energia indomavel. Repugna-lhe a immobilidade estagnada da agua doce, quer a salsugem da onda e a espuma da tempestade. Os negocios são cartas para este terrivel jogador e não as largará das mãos febris emquanto não houver comprado o trunfo dos seus sonhos. O proseguimento d'uma ideia generosa toma n'elle as proporções de uma possessão, que o não abandona e o arrebata em seu curso como o ginete selvagem de Mezeppa aos steppes da Ukrama.

O segredo da sua força está na confiança absoluta que deposita em Deus. E' a sua virtude. E' o seu elemento. Nos grandes transes, nas crises formidaveis, quando todas as pontes e estivas, quando a mesma terra lhe falta debaixo dos pés, volta-se para cima, e o braço invisivel da boa Providencia lhe fornece uma alavanca para galgar o abysmo.

Um homem energico! Os continentes desconhecidos, os El-Dorados, os Alpes cortados, as Thermopilas atravessadas, são para elle. A sua coragem de tudo vem a cabo. A utopia de hoje é para estas temperas excepcionaes o facto de amanhã. Só os energicos são capazes do que é ingente e do que enriquece a sociedade de novos thesouros de luz e de bem.

Os pusillanimes, os *prudentes*, sem outra virtude mais que a prudencia, para pouco ou para nada prestam. Ha nada mais prudente que a serpente. que mereceu as menções do Evangelho?... Mas só a energia da formiga mereceu a honra dos elogios biblicos.

Os covardes se enxergam difficuldades, que a sua covardia engrossa e engrossaria indefinidamente se tivessem jámais coragem para as defrontar por mais que alguns minutos. A consciencia, porém, da covardia adormece-lhes deliciosamente sobre a almofada de um falso impossivel por elles forjado. Colombo, que descobrio um novo mundo, Vasco da Gama, que domou o indomavel Adamastor, Cuvier, que chegou a fazer de um osso qualquer o fio de Ariadne de uma classificação zoologica, Pallissy, que do desprezivel e espesso barro extrahiu a diaphana porcellana, Francisco Xavier, que envolveu nas dobras do estandarte da Cruz trezentos mil filhos de Brahma, Ignacio de Loyola, que fez de um religioso um soldado de arnez mais forte que o bronze, nunca teriam existido se a natureza os houvera dotado do genio manso de um d'esses poltrões prudentissimos e nullissimos de que anda cheio esto mundo, onde apenas os fortes bojam uma saliencia gloriosa n'um raso immenso.

O temperamento dos pusillanimes é por via de regra lymphatico. O seu organismo flacido. O viver sedentario e despreoccupado dá-lhes uma obesidade balofa, põe-lhes no pescoço roscas taurinas e nos olhos bolsas aquosas. O homem energico é por via de regra magro, como o foi qualquer dos illustres que acima citei. Predomina n'elle o temperamento bilioso ou o nervoso. Tem no olhar a chispa scintillante do fogo interno e sagrado que o anima, no sobr'olho o vinco da pertinacia, nos labios a compressão de um arco retezado, prestes a expedir a setta; desenna-se-lhe a miudo um craneo arabe, de cabellos curtos, que parece ter sido feito para arrombar paredes. Não sabe andar de vagar, porque tem que fazer. Caminha, caminha, labuta.

D'onde vem e para onde vae?

Vem da obscuridade e vae para a gloria. *Padre Senna Freitas*.

O HOMEM QUE NÃO PODE MORRER

Lenda judaica

Era noite. Em meio do profundo silencio que envolvia a terra, Schulklopfer, o encarregado de chamar de manhã e á noite os fieis á Synagoga, julgou ouvir soar no seu quarto a matraca de que se servia para a convocação religiosa.

Não se enganára.

O martello de madeira oscillava levemente, e no seu movimento produzia o som lugubre e secco havia instantes notado pelo ancião.

—Não me deixa dormir esse martello, disse elle a sua filha.

E a joven, ouvindo tambem as pancadas extraordinarias da matraca, confirmou com a voz suffocada pelo terror:

—Ha alguem que se acha em perigo de vida n'esta rua. Israel, Israel, ouvi-me! E' o rabbino, por certo!...

N'este instante cessou o estranho movimento do martello, mas lá fóra, na rua, alguem bateu violentamente á porta, e ouviu-se uma voz que dizia:

— Levante-se, vá bater a todas as portas para que o povo se reuna em breve na Synagoga! E' preciso que se recitem psalmos, porque o rabbino está moribundo!

D'ahi a pouco, no meio da noite silenciosa, ouviram-se por todas as portas as tres pancadas bem conhecidas do martello de madeira.

Tremula de pavor, a filha de Schulklopfer ouvia os passos do pae, dirigindo se de porta em porta.

E, quando a ultima pancada batendo na ultima porta da rua deixou de perturbar o grande silencio da noite, a joven disse comsigo:

— Agora o rabbino deve ter soltado o ultimo suspiro.

E não poude deixar de derramar lagrimas amargas.

No emtanto. a recitação dos psalmos continha a alma do velho rabbino, prestes a soltar o vôo, e as sombras da morte logo se haviam completamente dissipado em volta do seu leito de agonia.

Sobre a madrugada, o mal recrudesceu e os discipulos do velho sacerdote soltavam tristes lamentos.

Foram buscar cera virgem e fios de linho alvissimo, mediram o corpo de enfermo, e fizeram por este modelo um cirio gigantesco.

D'ahi a pouco, envolviam o cirio em uma branca mortalha, e levavam-n'o assim para o cemiterio, para ali o enterrarem junto dos mortos.

Mas, apezar d'isto, a doença redobrava de violencia, e era mister ir pensando em aproveitar a mesma medida para as seis taboas de pinho do leito em que o velho tinha de dormir o somno eterno.

—Deus omnipotente, exclamavam os discipulos, que poderemos nós fazer para impedir a morte do rabbino?

— Vamos esmolar annos para elle; talvez que Deus attenda ás nossas supplicas.

Immediatamente um discipulo foi de casa em casa recolher os annos offerecidos pela piedade dos fieis. Cada um d'elles escrevia n'um papel o numero de annos, de semanas ou de dias que cedia da propria vida para o rabbino moribundo. A filha de Schulklpfer estava precisamente á porta de sua casa, quando o discipulo passava com a estranha lista da piedade israelita.

—E tu, disse o levita, dirigindo-se á formosa rapariga, não me dás nada para o nosso mestre?

—A minha vida inteira; dou-a de bom grado pelo santo sacerdote, disse ella soluçando.

—Posso então escrever?...

—Escreve, escreve!

E o discipulo inscreveu na lista a vida inteira de Hannelêa, a meiga donzella israelita!

A partir d'este dia, d'esta hora até, o rabbino restabeleceu-se, e no dia seguinte enterrava-se o cadaver da gentil donzella israelita. Coisa estranha! Tão facil fôra áquella pomba immaculada desferir o vôo para as frias regiões dos mortos, tão difficil se tornou para o rabbino fazer desapparecer o nome venerando do livro dos vivos! Nos primeiros tempos da sua convalescença, o velho sentia-se alegre e de bom humor. Revivia com espantosa força. Sentia-se animado de um grande e estranho vigor. Pouco a pouco tornou-se triste, e cobriu-lhe o rosto enorme pallidez. Ninguem sabia a que dever attribuir similhante estado, porque todos ignoravam que lá pela noite adiante, quando o rabbino estudava os livros santos, ouvia erguer-se do pateo uma debil toada plangente, e que, todas as vezes que o velho abria a janella, via diante de si uma juvenil mulher, cujos olhos, mesmo atravez do véo das trevas, mostravam um sorriso gelado pela morte.

—Agora, pensava então o rabbino, podia ella ser livre e cantar como as avesinhas do espaço!

E, pela noite silenciosa, o velho regava de lagrimas as paginas espessas dos livros santos.

Veiu uma noite, em que ao soar a ultima das doze badaladas, gritos de angustia eccoaram por toda a casa. Eram sons estranhos aquelles, taes como só costuma arrancal-os ás creaturas uma dôr dilacerante.

D'ahi a pouco o velho ouvia os vagidos de um recemnascido.—Pobre de mim! exclamou elle. Fui eu quem a privou d'esta alegria. D'ahi por diante, passava as noites a escutar os vagidos da creança, de vez em quando entremeiados pelos doces cantares maternos; e esta santa consonancia punha nos olhos do velho lagrimas de um pezar immenso. Depois, houve algumas noites silenciosas que d'ahi a tempos foram interrompidas por um canto alegre e melodioso.—Agora, dizia o rabbino, vai o seu primeiro filho varão ser iniciado nos actos do culto externo, e fui eu quem a privou d'esta alegria! Novamente se fez silencio nas longas noites do sacerdote, até que alguns annos depois, um novo canto de alegria veio pôr novas lagrimas de amargura nos olhos do rabbino.—Agora, dizia elle por entre soluços, a pobresinha entrega a filha ao esposo da sua alma e maldito seja eu que a privei d'esta santa e doce alegria! Quando a voz se fazia ouvir de novo, não eram prantos nem lagrimas, mas sempre canticos de alegria, e o rabbino dizia suspirando:

— Teria sido mãe venturosa, e fui eu que lhe destrui toda a felicidade!

Foi assim que o velho sacerdote viveu toda a vida da juvenil mulher. Daria tudo quanto possuia, para ouvir, ao menos uma vez, em logar de tão encantadores melodias, algumas queixas amargas; d'este modo ficaria convencido de que a morta teria conhecido alguma porção de desgraça n'esta terra em que vivemos. Mas esse desejo nunca foi cumprido.

—Pois que! exclamava o velho, regando de lagrimas as paginas espessas dos livros santos, ella teria sido a tal ponto feliz!...

E, n'essas horas de tristeza, o sacerdote desejava morrer tambem. Aquelle dulcissimo e alegre cantar era o tormento da sua vida...

Mas elle não podia morrer! Os habitantes do logar foram descendo ao tumulo, as creanças que elle circumcidara haviam-se tornado velhos alquebrados pelo peso dos annos, e o velho sacerdote não podia morrer!...

—Quando chegará a hora, ó santa e generosa creança?! Quanto tempo quererás tu ainda viver?

Longos e dolorosos foram os annos do velho rabbino, que pediu a Deus instantaneamente a suprema ventura de morrer. E Deus ouviu-o.

O momento chegou emfim. Uma noite, ao soar a ultima das doze badalladas, perturbou o silencio da velha habitação um grito de agonia. Morreu agora, disse o rabbino. Deus seja louvado! E, no dia seguinte, os seus discipulos foram encontral-o sem vida, com a cabeça encostada sobre as paginas espessas dos livros santos!...

Leopold Kompert.

SEMPRE A TI...

— Quando penso em minha amada,
— n'essa virgem encantada,
— que me falla ao coração,
— sinto meu peito bater,
— sinto n'alma renascer
— a vida, o fogo, a paixão!!

— Sim; só ella é minha vida,
— minha fada estremecida,
— a minha pomba dos ceus!!
— Só ella meu pensamento,
— minha dita meu tormento,
— encanto dos dias meus.

Anadia, 17 de fevereiro de 1888.

C.

O MEZ DE FEVEREIRO

Porque é que o mez de fevereiro tem só 28 dias, e 29, nos annos bissextos, como este?

E' muito simples, e comtudo ha muita gente que o ignora.

No anno 46, antes da era christã, Julio Cesar fixou, segundo os calculos astronomicos, o anno civil em 365 dias. Cada mez ficou com o seu numero de dias, determinado: 30 ou 31, segundo os movimentos da lua. Succedeu por isso que o ultimo não podia ter senão 28 dias, para attingir o numero convenccionado. Ora, n'esta epoca era o mez de fevereiro o ultimo do anno.

Durante muito tempo deixou de haver regularidade na ordem dos mezes: o anno começava ora no Natal, ora na Paschoa: foi só a partir de 1563 que um decreto de Carlos IX, de França, determinou que o anno começasse no 1.º de janeiro.

«Queremos e ordenamos, diz o rei, que em todos os actos, registos, instrumentos, contractos, editos, cartas patentes, missivas e toda a escripturação particular, o anno comece de hoje em diante e seja contado do primeiro dia do mez de janeiro».

Correio de Lisboa

21 de fevereiro de 1888.

A grande novidade do dia é de que temos mais um partido politico, isto é, uma nova patrulha, de que são chefes os srs. Thomaz Ribeiro e Vaz Preto, pois assim o declarou hontem na camara dos pares este ultimo sr. Por falta de quem a queira governar não sossobrará a nau do Estado.

— O sr. Pinheiro Chagas continua obtendo algumas melhoras, mas ainda assim o seu estado não se pode considerar como isempto de gravidade.

— O nosso respeitavel amigo o sr. dr. Manuel Baptista da Cunha, toma posse na proxima sexta-feira do alto cargo de vigario geral do patriarchado, devendo prezidir n'esse mesmo dia á sessão da relação e curia patriarchal.

— A questão dos carteiros está bem figurada. Na proposta o vencimento que era até agora de 360, é elevado a 400 reis. E' um augmento justificado, porque é immenso o trabalho d'estes pobres empregados publicos.

— Reuniu hontem á noute, no ministerio do reino, a assembleia geral do Banco de Portugal, para discutir o relatorio e eleger os corpos gerentes. O sr. duque de Palmella, presidente da assembleia geral e conde da Praia de Monforte, vice-presidente, pediram a demissão dos seus cargos, sendo eleitos para os substituir os srs. Henrique Bernardo Pires e Francisco Isidoro Vianna, respectivamente. O sr. conde de Folgosa fallou sobre o relatorio, respondendo-lhe o sr. Joaquim Filippe Miranda.

— Inauguraram-se hontem os trabalhos do congresso agricola, notando-se extraordinaria concorrencia e grande numero de damas. Acham-se inscriptos 700 congressistas. O salão do theatro da Trindade apresentava um aspecto inteiramente novo pela variedade de trajes, pois sendo resolvido que só a commissão se apresentasse de casaca, grande numero de congressistas vindos da provincia e principalmente do Alemtejo ostentavam trajes de gala, largos jaquetões, amplas cintas de côres e chapeus de aba larga, o que dava á sessão um tom significativamente agricola. A esta reunião imponente assistiram SS. AA. o principe D. Carlos e o infante D. Affonso, o presidente do conselho de ministros, ministros das obras publicas, fazenda e estrangeiros. Presidiu o sr. D. José de Saldanha, sendo secretarios os srs. Martinho Guimarães e Carlos Borges de Souza. Depois do discurso inaugural, fallaram os srs. presidente do conselho de ministros, dr. Pinto Coelho, ministro das obras publicas, que respondeu ao sr. dr. Pinto Coelho, ministro da fazenda e conde de Ficalho. Os ministros, nos seus discursos, accentuaram desejos de que, em virtude do resultado do congresso, o governo ficasse habilitado a auxiliar uma das principaes e das mais importantes industrias de Portugal. Em Lisboa estão mais de 1:000 lavradores. Só do Alemtejo vieram ante-hontem e hontem mais de 400. As hospedarias não téem já lugares.

— Realisou-se hoje a segunda sessão do congresso agricola. Foi apresentado o relatorio da 1.ª secção, referente a cereaes, farinhas e legumes, sendo approvadas as conclusões que são seis, a saber:—1.ª Augmentar os direitos de importação sobre cereaes; trigo a 250 reis por 10 kilos; milho a 180, idem; centeio, cevada e aveia a 160 idem:—2.ª Direito differencial para farinha estrangeira a 50 reis por 10 kilos;—3.ª O governo auctorisado a baixar este direito, no caso de ser augmentado o preço actual de farinha ou pão;—4.ª Isentar, por 10 annos, de contribuição industrial, todos os moinhos, azenhas, fabricas e moagens a vapor, que só moam cereaes nacionaes; e de direitos de importação os machinismos de moagem e peneiração para as mesmas fabricas;—5.ª Isentar a fava nacional de imposto de consumo, elevando o direito sobre a estrangeira a 180 reis por 10 kilos;—6.ª Isentar a batata para semente de direito de importação. O sr. visconde da Ribeira Brava propoz para se convidar o governo a assistir ás sessões de congresso.

— Os estudantes realisaram na segunda-feira uma sessão magna na Escola Polytechnica em homenagem á «tuna compostelana». Estiveram presentes cerca de 2:000 estudantes. Fallaram diversos estudantes, entre elles um de Coimbra e outro do Porto. A «tuna» improvisou em seguida um concerto. Depois da sessão resolveu-se como testemunho de consideração ao sr. Pinheiro Chagas, enviar uma grande deputação a casa do illustre enfermo, podendo todos os estudantes acompanhal-a. Houve muitos vivas.

Os estudantes compostelanos tiveram uma ovação em S. Carlos, redobrando o enthusiasmo quando elles applaudiram calorosamente Regina Paccini. A enchente no theatro era selecta, completa. Para evitar qualquer manifestação inconveniente, a policia pediu aos estudantes de Lisboa para que não accendessem archotes.

— Foi nomeado chefe da secção da guarda fiscal d'Aveiro o sr. tenente da mesma guarda Candido Augusto d'Almeida.

— Os senhores duques de Bragança, visitaram no sabbado o Muzeu Colonial, sendo acompanhados na visita pelo sr. conselheiro Costa e Silva.

— Consta que os concessionarios da nova empreza de navegação para a Africa, conseguiram realisar a subscripção de 540:000$000 réis. Um dos principaes subscriptores é a Companhia do Caminho de Ferro de Ambaca. Tambem são subscriptores os srs. Souza Leal, Daupias, marquez da Foz e outros. Corre que a Companhia será organisada por estes dias.

— Já foi apresentado ao governo o primeiro relatorio das commissões especiaes do inquerito agricola, sr. Gerardo Pery, Paulo de Moraes, Antonio Maria de Carvalho, Caetano dos Reis, Rodrigues Gondim, Julio Henriques e Taveira de Menezes.

— Foi transferido para Taboa o administrador do concelho de Mira.

— Foram nomeados administradores substitutos: de Anadia, o sr. Justino de Sampaio Alegre; e de Macieira de Cambra, o sr. José Tavares de Pinho.

— Foi exonerado do logar de governador civil substituto de Lisboa, o snr. Martinho Tenreiro.

— Foram nomeados administradores de concelho: da Mealhada, o sr. José Augusto Salles; de Manteigas, o sr. Antonio Correia de Noronha e Menezes; e de Pombal, o sr. Francisco Corte-Real.

— Sahiram do corpo dos officiaes de fazenda os srs. Santos Carvalho e Azevedo; na sua vaga são promovidos os aspirantes srs. Celestino Soares e Ferreira Gusmão.

— Foi agraciado com a medalha de ouro de comportamento exemplar o sr. almirante Teixeira da Silva.

— Regressou de Moçambique o snr. capitão José Peixoto do Amaral.

— O sr. juiz do 3.º districto criminal pronunciou no sabbado Manuel Joaquim Pinto, o covarde aggressor do sr. Pinheiro Chagas, bem como os cumplices Manuel Joaquim Martins Vaqueiro e Albino Gomes de Moraes, arbitrando ao 1.º a fiança de 5:000$000 e a cada um dos outros dois 1:000$000. O crime foi classificado de ferimentos voluntarios sem intenção homicida. Foi mandada pôr em liberdade Julia, mulher de Pinto, por falta de provas na criminalidade. O caixeiro João Antonio Cardoso passou do 3.º para o 2.º districto, por ahi correr o seu processo.

— Foram descobertos mais roubos entre a estação do Poço do Bispo e Abrantes, verificando-se a falta de vinhos e fardos de varias fazendas.

— O distincto especialista Mascaró fez ante-hontem a operação de cataracta ao sr. conselheiro Nazareth. A operação correu com a maior felicidade, e o illustre enfermo acha-se na melhor disposição.

— O espectaculo realisado hontem no theatro de S. Carlos pela «Tuna» rendeu 1:400$000.

— Foi nomeado segundo contador do Tribunal de Contas o sr. José Joaquim Vieira.

— Foi nomeado escrivão substituto para Vouzella o sr. Antonio Simões de Paiva.

— Foram transferidos reciprocamente os delegados de Louzada e Odemira.

— Foram nomeados para o julgado municipal de Mesãofrio: juiz, o sr. Alexandre de Azevedo Pinto e Leme; substituto, o sr. Rodrigues Coelho de Almeida Coutinho; sub-delegado o sr. Xavier Soares Cardoso; e escrivão, o sr. Acacio Cardoso Garcez Maldonado.

— Ao jantar offerecido ante-hontem por mgr. Vanutelli assistiram quasi todos os membros do ministerio e do corpo diplomatico, dignatario do Paço, etc.

— Está doente o nosso collega das *Novidades* sr. Barboza Colen.

— Está em Lisboa o sr. dr. Victorino José Pereira de Carvalho, digno chefe do partido progressista em Villa Nova de Ourem.

Y.

Telegrammas

Paris, 17.—Na camara dos deputados o sr. Sausberoy pediu a urgencia para a sua proposta referente ao inquerito sobre as questões que prendem com a suppressão do privilegio do Banco de França.

O sr. Tirard combateu a proposta, persuadido de que do inquerito resultará confusão entre os poderes legislativo e executivo.

A urgencia foi rejeitada por 323 votos contra 99.

Londres, 17.—Os telegrammas de Vienna voltam a ser pessimistas com respeito á situação. Segundo o *Standard* a concentração das tropas russas nas fronteiras romaica, austriaca e allemã ascendem a 800:000 homens.

Os mesmos telegrammas esforçam-se em representar a situação das finanças russas muito complicada.

Londres, 17.—Na camara dos communs e na discussão da resposta ao discurso da corôa, a emenda proposta pelo sr. Parnell foi rejeitada por 317 votos contra 229.

Londres, 17, (á tarde)—Na camara dos communs ao tempo em que o sr. Goschen discursava, censurando a politica irlandeza, recebeu o sr. Gladstone a noticia de ter sido eleito por West-Southe-Park, bairro de Londres, o deputado gladstoneano.

Os parnellistas fizeram então uma manifestação, interrompendo o orador.

Londres, 18.—Os despachos de Roma para os jornaes inglezes fallam muito nos preparativos maritimos da Italia; e crêem que será preciso restabelecer o imposto monetario, para fazer face ás despezas militares sempre crescentes.

Paris, 18.—O correspondente do *Journal des Débats* em Berlim diz parecer que realmente se trata de uma viagem do czar á Polonia, na proxima primavera, para visitar as tropas da fronteira austro-allemã.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CITAÇÃO-EDITAL

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro, e cartorio do 5.º officio, correm editos de trinta dias, citando Luiz Nunes do Coito, casado com Maria de Jesus Billelo, Francisco d'Oliveira Frade e mulher Maria de Jesus, e Maria de Jesus, solteira, menor, ausentes em parte incerta no imperio do Brazil, e João Frade, solteiro, maior, ausente em parte incerta no continente do reino, para assistirem a todos os termos de inventario de menores a que se procede por obito de Maria de Jesus, viuva de Francisco Gonçalves Billelo, d'Ilhavo.

Pelo presente são egualmente citados os interessados incertos para assistirem aos termos do mesmo inventario.

Aveiro 20 de fevereiro de 1888.

O escrivão interino,
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*Costa e Almeida.*

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

EDITAL

Manuel Firmino d'Almeida Maia, do Conselho de Sua Magestade, Cavalleiro da Legião d'Honra, antigo Deputado da Nação e Governador Civil substituto, em effectivo serviço, do Districto d'Aveiro, etc.

FAÇO saber que, sendo prohibido pelo Codigo Penal artigo 253.º o uso e porte d'armas, permittidas sómente nas circumstancias declaradas na lei ou nos regulamentos de administração publica, ou com licença da auctoridade, ninguem poderá trazer ou usar as ditas armas no concelho capital do districto de Aveiro, sem previa licença d'este Governo Civil, em vista do que dispõe o Codigo Administrativo; e os contraventores serão processados e punidos na conformidade do citado Codigo Penal, sendo as armas apprehendidas e perdidas a favor do Estado.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar o presente e outros de igual theor, que serão affixados nos logares do estylo.

Aveiro, 4 de fevereiro de 1888.

Manuel Firmino d'Almeida Maia

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Emprega-la só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina de Pariz*) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*.

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES

78, FAUBOURG SAINT-DENIS, Pariz,

e em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta e Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose,* assim como *Lymphatismo, Escrofulas e Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phco, 102, rue Richelieu, Sr de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phias.

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Phias.

200,000 Doentes curados de **DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS** PELO **DEPURATIVO CHABLE.** Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÊA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

COMPANHIA FABRIL „SINGER"

A PRESTAÇÕES DE **500 RÉIS SEMANAES**

GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

Garantia illimitada por todo o tempo

A PRESTAÇÕES DE **500 RÉIS SEMANAES**

GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

Ensino e concertos GRATIS

A NOVA MACHINA PARA COZER
DE
LANÇADEIRA OSCILLANTE

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura com as quaes se faz com a maior facilidade os trabalhos mais delicados.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Agulha é sempre ajustavel.

Lançadeira que leva um carrinho de algodão.

Dá 2·000 pontos por minuto!!

Levissimas no trabalho e silenciozas sem egual.

Não preciza encher canella nem enfiar a lançadeira.

O pesponto é o mais bello e o mais illastico.

Todo o seu machinismo é ajustavel estando a machica sempre perfeita.

A nova machina de lançadeira oscillante é dedicada ao serviço de costureirc, alfaiates, sapateiros, chapelleiros, correeiros e para toda a classe de costura.

A nova machina de lançadeira oscillante está construida especialmente para ostureiras que se dedicam á costura de punhos e collarinhos.

NOVIDADE — Bordados a alto relevo feitos com lã

PRIVILEGIO — Por vinte annos

Companhia Fabril Singer

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO Á CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

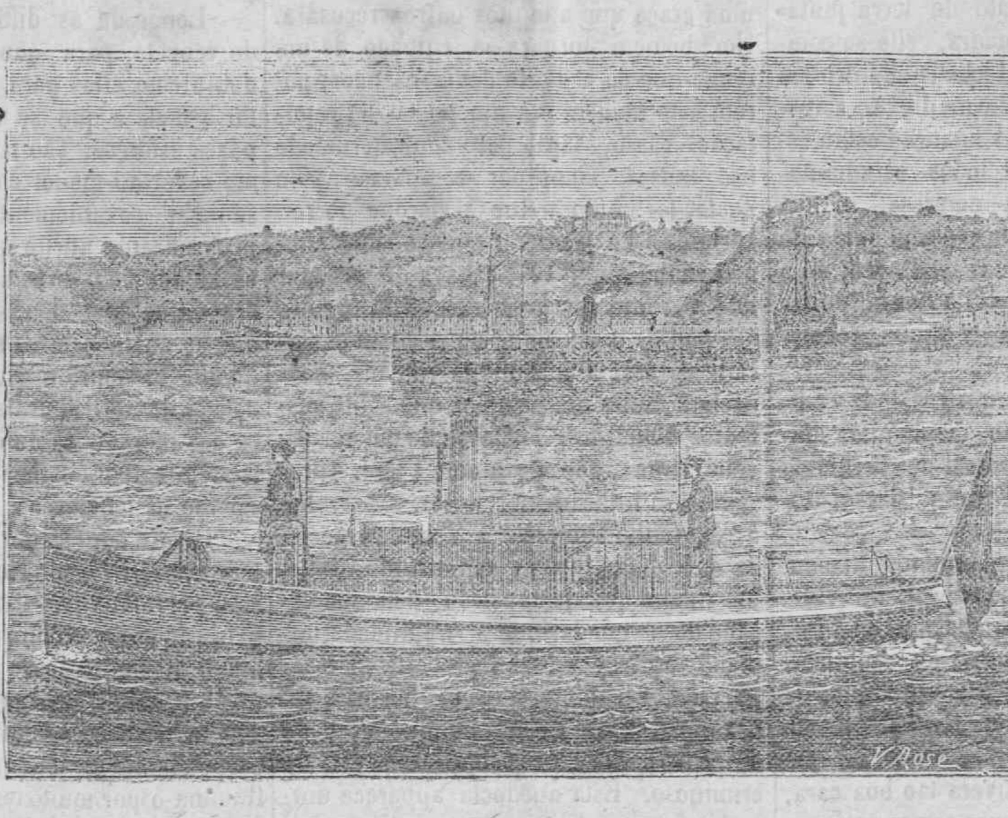
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETA

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇAO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCCAO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro—Lisboa.

As pessõas que conhecem as **PILULAS** DO DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Jadeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia. no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho represента um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas uma excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

ARREMATAÇÃO

A Junta de parochia da freguezia de Esgueira faz publico que no dia 18 de março do anno corrente, pelas 10 horas da manhã, á porta da egreja parochial da mesma freguezia, se ha-de arrematar a obra do douramento de dois altares e trez sanephas.

As condições serão presentes n'esse acto.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

RECOMENDAMOS o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorisádos.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

PILULAS DE BLANCARD

DE IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo. — PARIS — 1853 — 1855

Estas pilulas, em que acham-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*flores brancas* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. *Blancard*

Pharmacº em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço...... 120 reis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense illustrada com 500 gravuras

Em virtude dos muitos pedidos que temos recebido para abrirmos uma nova assignatura d'este admiravel romance que comprehende 5 volumes ou 70 fasciculos em 4.º, optimo papel e impressão esmeradissima, sendo illustrado com *500 gravuras, resolvemos fazel-o nas* seguintes condições:

Os srs. assignantes pódem receber um ou mais fasciculos cada semana ao preço de 100 reis cada um, pago no acto da entrega. Tambem pódem receber aos volumes brochados, ou encadernados em magnificas capas de percalina, feitas expressamente na Allemanha, contendo lindissimos desenhos dourados.

Preço dos volumes:—1.º volume brochado 1:550 reis, encadernado 2:400 reis; 2.º volume brochado, 1:350 reis, encadernado 2:200 reis; 3.º volume brochado, 1:250 reis, encadernado 2:100; 4.º volume brochado, 1:650 eis, encadernado 2:500 reis; 5.º volume brochado, 1:450 reis, encadernado 2:300 reis. A obra completa em brochura, 7$250 reis; encadernada, 11$500 reis.

Para as provincias os preços são os mesmos que no Porto, franco de porte; e sendo a assignatura tomada aos fasciculos, serão estes pagos adiantados em numero de cinco. A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas a remuneração de 20 por cento, ficando os mesmos encarregados da distribuição dos fasciculos.

Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz.

N. B.—Os preços acima exarados são assim estabelecidos unicamente para Portugal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos—Editor, Rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—PORTO.

OS ANTROS DE PARIS

ULTIMA PRODUCÇÃO
DE
Xavier de Montépin

Romance em 5 volumes, illustrado com 15 cromo-litografias, aguareladas por Manuel de Macedo e executadas na litografia Guedes.

Traducção de A. M. da Cunha e Sá

10 reis cada folha—10 reis cada cromo—20 reis cada capa habilmente colorida. Lisboa 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adiantadamente. Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaia, 42—Lisboa.

A ESTAÇÃO

JORAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno	4$000
Seis mezes	2$100
Numero avulso	200

Assigna-se na livraria de E Chardron—Lugan & Genelioux successores Porto.

CARVALHO & PONS—EDITORES

Rua do Instituto do Arsenal, 23 a 31—Lisboa

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques d'Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kjölner, e R. Feijóo,

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarca do Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarca de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º convadorser da Biblioteca Nacional de Lisboa.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS

Cada volume 50 reis

NUMERO 150

OS BALÕES EM PORTUGAL

POR

João Maria Jalles

(capitão de artilheria)

David Corazzi—Editor. Empreza Horas Romanticas, 40, Rua da Atataya, 52—Lisboa.

ALVES MENDES

DISCURSO NAS SOLEMNISSIMAS EXEQUIAS DE FONTES

A' venda no deposito geral, Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6, e nas principaes livrarias tanto do Porto como de Lisboa e provincias.

Preço 400 reis, pelo correio 440.

NOVIDADE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lythographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

UNIVERSO ILUSTRADO

Semanario de Instrução e Recreio

EDITORES—CAMPOS & C.ª—LIVREIR

86—Rua Augusta—88

LISBOA

Segunda série—Segundo anno. Publicados, 9 volumes de quatrocentas e dezesseis paginas cadaum. Em publicação do 6.º volume.

FLOR DE MYOSOTES

ROMANCE ORIGINAL

Por Alberto Pimentel

A' venda brevemente

VIAGENS NO CHIADO

POR

BELDEMONIO (Barros Lobo)

Descripção pittoresca e faiscante da alta vida lisboeta nas suas relações externas; scenas de costumes, retratos litterarios de personagens em evidencia, etc. 1 volume, 700 reis; pelo correio, 740; livraria de Barros & Filha, editores, rua do Almada, 104 a 114, Porto.

O INFERNO DE DANTE

Illustrado com as ceebres composições de Gustavo Doré

Tradução em tercetos portuguezes por Domingos Ennes

Publicação quinzenal aos fasciculos de 16 paginas e competentes gravuras pelo preço de 200 reis cada um, pago no acto da entrega.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á casa editora David Corazzi, rua da Atalaia, 40 a 52, ao seu deposito, rua dos Retrozeiros, 153, 1.º, á Filial no Porto, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar, ou a qualquer livraria.

Está em distribuição o primeiro fascicolo.

ALMEIDA MENDES

MINIATURAS ROMANTICAS

I

PEDRO EXPOSTO

Um volume nitidamente impresso, 200 reis.—A correspondencia deve ser dirigida ao auctor, em Evora

JOAQUIM DA COSTA CASCAES

POESIAS

O 1.º volume de 377 paginas—á venda na *Imprensa Nacional,* e na loja de—Lavado—Lisboa, rua Augusta 95—600 reis.

NOVA LEI DO RECRUTAMENTO

provdo por

Carta de Lei de 12 de setembro de 1887

Precedida do importantissimo parecer da camara dos srs. deputados

Preço........ 60 reis

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

A' livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20. Porto

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspétos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis—pelo correio 630 reis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, sucessores, Clerigos, 98—Porto

EXAMES
DE
INSTRUÇÃO PRIMARIA E COMPLEMENTAR

Os novos programas para estes exames vendem-se em casa de Pedro d'Oliveira, Pateo do Aljube, 5—Lisboa.

Preço 100 reis.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARAES

AVEIRO

MANUEL B. BRANCO

El-rei D. Manuel........ 700

D. ALBERTINA PARAIZO

Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888... 240

D. GUIOMAR TORREZÃO

Almanach das Senhoras, para 1888.. 240

Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888........ 200

Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888..... 200

Almanach Illustrado, por F. Pastor. 200

O RECREIO

Almanach Litterario e Charadistico

Para 1888 (2.º anno)

Adornado com o retrato e elogio biographico do distincto escriptor e romancist

Francisco Leite Bastos

por FRANCISCO ANTONIO DE MATTOS

Contendo além do calendario e mais esclarecimentos proprios d'um livro d'esta ordem dem uma variada collecção de artigos humoristicos, contos, poesias, charadas, enygmas, logographos, problemas, etc.

Preço........ 200 reis

A' venda nas principaes livrarias de Lisboa. Remette-se pelo correio a quem enviar 215 em estampilhas á administração do «Recreio, Rua Nova de S. Mamede, 26.

CODIGO ELEITORAL PORTUGUEZ

Compilação systematica de todas as disposições legaes em vigor, reguladoras do direitos processo eleitoraes, contidas nos decretos e 30 de setembro e 2 de novembro de 1852, nas leis de 23 de novembro de 1859, dé 2 de maio de 1878, de 21 de maio de 1884, de 24 de julho de 1885 e de 21 de abril de 1886, no Codigo Administrativo de 17 de julho de 1886, e mais legislação correlativa

POR

J. M. Barbosa de Magalhães

Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, advogado nos auditorios de Aveiro, professor do Lyceu Nacional da mesma cidade, socio correspondente do Instituto de Coimbra e da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, redactor do *Direito,* do *Campeão das Provincias* e da *Revista do Fôro Portuguez,* e presidente da commissão districtal delegada da junta geral do districto de Aveiro

3.ª EDIÇÃO

Profundamente alterada, de harmonia com a ultima reforma administrativa, acrescentada com a organisação eleitoral da parte electiva da camara dos pares e com numerosas notas, contendo todas as resoluções do governo, decisões dos tribunaes, e opiniões da imprensa juridica sobre materia eleitoral.

Preço—500 reis

A' venda n'esta Redácão, em Coimbra na Livraria do editor Manuel d'Almeida Cabral, e em todas as livrarias do reino.

TIPOGRAFIA AVEIRENSE
LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO